

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

**(RE)CONHECER EMOÇÕES ATRAVÉS DO TEATRO:**

A ACADEMIA INTERNACIONAL DE TEATRO PARA JOVENS E  
O CLUBE DE DRAMA DA ESCOLA PAULA VICENTE

TRABALHO DE PROJETO

Ana Sofia Santos

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Teatro e Comunidade, realizada sob a orientação de Maria João Vicente (docente da ESTC, directora de produção, actriz e co-responsável pelo Serviço Educativo do Teatro da Garagem) e a co-orientação de Júlio Martín da Fonseca (Mestre em Arte e Educação, Actor, Encenador e Professor) e de Elisabeth Toulet (Professora diplomada em Estudos Avançados em Prática Social, fundadora da Académie Internationale de Théâtre pour Enfants em França).

Amadora, Outubro/2014

## **Resumo**

O presente relatório procura refletir sobre o contributo da Expressão Dramática e da Experiência Teatral para o desenvolvimento da Inteligência Emocional dos jovens na fase de pré-adolescência. Para além de promover a importância do Teatro na Educação, como metodologia pedagógica possibilitadora de diálogo e de desenvolvimento pessoal, são apresentadas, neste relatório, as práticas da Academia Internacional de Teatro para Jovens (*Académie Internationale de Théâtre pour Enfants*) e a descrição da experiência de ensino com os alunos do Clube de Drama da Escola Paula Vicente, no ano letivo 2013/2014.

## **Palavras-Chave**

Teatro, Expressão, Emoções, Educação, Pré-adolescência

## **Abstract**

The purpose of this report is to reflect on the contribution of Dramatic Expression and Theatrical Experience to the development of youth's Emotional Intelligence during preadolescence. This report promotes the importance of Theatre in Education, as a pedagogical methodology that makes dialog and personal development possible, and it also presents the International Academy of Theatre for Youths' (*Académie Internationale de Théâtre pour Enfants*) practices and describes the teaching experience with the students from the Drama Club of Paula Vicente school during the academic year 2013/2014.

## **Keywords**

Theatre, Expression, Emotions, Education, Preadolescence

## Agradecimentos

À minha orientadora, Maria João Vicente, pelo interesse, disponibilidade e sensibilidade com que foi acompanhando este meu processo.

Ao meu coorientador e amigo Júlio Martín da Fonseca, pela inspiração que constitui para mim enquanto pessoa e profissional, e por me incentivar desde o princípio a concluir este mestrado.

À minha coorientadora Elisabeth Toulet, por me ter confiado um lugar neste projeto. A ela, à Christine SAILLET e ao Francisco Marques agradeço pela partilha de ensinamentos, mas sobretudo por construírem este lugar de beleza que é a Academia Internacional de Teatro para Jovens.

Aos meus colegas de mestrado, Ana Almeida, José Luís Costa, Marco Ferreira, Rafael Moraes, Ricardo Rodrigues, Sílvia Ferreira e Sylvie Rocha por terem sido a maior e mais bela descoberta que fiz ao ingressar neste mestrado. Por permanecerem, por partilharem, por serem verdadeiramente Marcos Poéticos na minha vida.

A todos os meus alunos, ex-alunos e futuros alunos, por me ensinarem tanto.

À minha mãe, Manuela Santos, e ao meu pai, José Santos, por me apoiarem incondicionalmente e por serem avós que transbordam amor.

Ao meu irmão, Nuno Santos, e à minha cunhada e amiga, Rita Góis, por fazerem parte da minha vida e por mimarem os meus filhos.

Ao meu amor, Ruben Torrejais, por me fazer acreditar, por não me deixar desistir, por ser o melhor pai do mundo, por estar sempre lá, cá, onde for preciso, por olhar comigo na mesma direção.

Aos meus filhos Margarida Pureza, Carolina Maria e Rodrigo José, cuja existência dá sentido à minha vida.

A Deus, por me conceder tantas Graças.

Ao Zala.

Ao João.

# INDICE

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPITULO 1 – A ACADEMIA INTERNACIONAL DE TEATRO PARA JOVENS	
1.1 – A Arte de Encontrar o Outro.....	9
1.2 – Grupo-Alvo .....	12
1.3 – A Expressão de Emoções.....	15
1.4 – Academia Internacional de Teatro para Jovens em Portugal.....	19
1.4.1 – Estágio de Criação de 5 a 24 de Agosto de 2013.....	22
1.4.2 – Estágio de Expressão Teatral de 20 a 27 de Julho de 2014 .....	28
1.5 – Observação do Estágio de Expressão Teatral na Bélgica .....	36
CAPITULO 2 – O CLUBE DE DRAMA DA ESCOLA PAULA VICENTE	
2.1 – Contexto dos Clubes .....	49
2.2 – O Clube de Drama .....	50
2.2.1 – Iniciação à Expressão Dramática .....	53
2.2.2 – Projeto <i>As Nossas Emoções</i> .....	58
2.2.3 – O Dia das Artes .....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	64
BIBLIOGRAFIA	
Bibliografia Citada.....	67
Bibliografia Consultada .....	68
ANEXOS (CD)	
Capitulo 1 – A Academia Internacional de Teatro para Jovens	
- Estágio de Criação - Portugal, Agosto 2013:	
Fotos; Desdobrável do Espetáculo; Reportagem no Público	
- Estágio de Expressão Teatral - Bélgica, Março 2014:	
Fotos; Vídeos	
- Estágio de Expressão Teatral - Portugal, Julho 2014:	
Fotos; Vídeos	
Capitulo 2 – O Clube de Drama da Escola Paula Vicente	
- Desenvolvimento das Aulas: Fotos	
- O Dia das Artes: Alinhamento Dia das Artes; Cartaz Dia das Artes; Convite Dia das Artes; Fotos; Guião <i>As Nossas Emoções</i> ; Guião Técnico <i>As Nossas Emoções</i> ; Programa Dia das Artes; Vídeo	

*É dando-se que se é.*

Irmão Gabriel  
(Missionário Passionista)

## APRESENTAÇÃO

No início do mês de Janeiro de 2013, através do amigo e colega Júlio Martín da Fonseca, conheci Elisabeth Toulet que estava em Portugal para apresentar a Academia Internacional de Teatro para Jovens. Nesse mês foram realizados dois *workshops* de dois dias cada (5 e 6 de Janeiro; 12 e 13 de Janeiro), nas instalações da Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa, nos quais jovens dos oito aos treze anos de idade, que nunca tiveram contacto com o Teatro, tiveram a oportunidade de ter uma curta experiência formativa e foram convidados a participar na primeira edição da Academia em Portugal, que se iria realizar em Agosto do mesmo ano.

A onze de Janeiro assisti a uma apresentação formal sobre a Pedagogia da Academia Internacional de Teatro para Jovens na qual Elisabeth Toulet, uma das fundadoras, expôs aos presentes quais as premissas do trabalho desenvolvido por toda a equipa da Academia. No decorrer desta apresentação assistimos ao vídeo *Hello Mister Chaplin*, excerto do espetáculo final de uma das edições da Academia realizadas na Bélgica. Nesse mesmo dia convidei Elisabeth a fazer uma apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema, no dia dezasseis de Janeiro, no contexto da aula de Teatro e Comunidade I orientada pelos professores Eugénia Vasques e Armando Nascimento Rosa que, de imediato, aceitaram que se realizasse.

Identifiquei-me profundamente com os objetivos deste projeto que procurava, através de uma experiência de comunhão, com os outros, estimular o lado criativo e ao mesmo tempo despertar a “alegria de viver”. Foi com entusiasmo que procurei conhecer melhor este projeto e demonstrei a vontade de acompanhar o seu desenvolvimento nesta ligação com Portugal. Júlio Martín da Fonseca seria o encenador escolhido para a criação do espetáculo final da Academia em Portugal, e foi graças à sua persistência que me convidaram a integrar a equipa de formadores.

A experiência que vivi, de 4 a 24 de Agosto de 2013, como formadora artística e acima de tudo como pessoa, transformou-me. Trabalhar com jovens é sempre uma aprendizagem muito rica e, no final daquelas três semanas tão intensas, percebi que ao contrário do que projetava para o meu percurso profissional, queria continuar a dar formação a crianças e jovens.

Desde 2007 que dou aulas de Teatro e Expressão Dramática em vários estabelecimentos de ensino, tendo sido os primeiros anos no contexto das Atividades de Enriquecimento Curricular do primeiro e segundo ciclo do Ensino Básico. E, na verdade, quando ingressei no Mestrado de Teatro – Teatro e Comunidade, na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Outubro de 2012, estava decidida a descobrir outras formas de intervenção artística na comunidade e afastar-me do ensino, pelo menos na forma com a qual tive contato em algumas experiências anteriores. Talvez esse ímpeto se devesse ao cansaço face às condições que encontrava na maioria dos estabelecimentos de ensino onde dei aulas: grupos de cerca de trinta crianças, com uma percentagem baixa de alunos motivados para a aprendizagem do Teatro, num espaço/sala pouco adequado. Hoje sei que era apenas uma fase e que estava a precisar de “refrescar” a forma como via o ensino e a forma como eu própria, enquanto formadora, apresentava o Teatro às crianças e jovens. E este encontro com a Academia permitiu que isso acontecesse. A paixão pelo ensino da Expressão Dramática e pelo contato com jovens, regressou.

Em Setembro de 2013, aceitei o convite para um projeto lançado pela Junta de Freguesia de Belém: os Clubes da Escola Básica 2+3 Paula Vicente. Foram-me atribuídos três grupos de alunos do 5º e 6º ano de escolaridade para dinamizar o Clube de Drama. Estava no momento de decidir que projeto iria desenvolver para concluir o mestrado e tornou-se evidente para mim que este seria o caminho a seguir. Pegando na experiência com a Academia iria conduzir o Clube de Drama da Escola Paula Vicente, cruzando as metodologias que já me eram familiares com as que tinha conhecido neste contexto.

Assim, o desafio a que me proponho neste relatório é dar a conhecer o projeto da Academia Internacional de Teatro para Jovens que me inspirou no trabalho que realizei com os alunos do Clube de Drama da Escola Básica 2+3 Paula Vicente; e, intercalando descrição com reflexão, pensar a importância da abordagem das Emoções na aprendizagem da Expressão Dramática e do Teatro e a sua repercussão na vida dos jovens.

O Teatro transmite uma atitude estética que permite pensar a vida como se de uma obra de arte se tratasse. É inegável a sua contribuição para o fortalecimento da

cidadania na medida em que gera consciência e dá aos participantes a possibilidade de acesso à cultura e à arte.

Considero que é de suma importância na sociedade atual, que vive sobre os pilares da velocidade, do excesso, da universalização, do individualismo, da alienação, criar tempo e espaço para reflexão, partilha e questionamento.

Assim, o impulso para este projeto parte do pressuposto em que valorizo a importância da linguagem teatral na formação dos jovens nas suas dimensões mais particulares, ou seja, na partilha das emoções e sentimentos, na explicitação e na negociação de ideias e crenças, logo, no desenvolvimento da empatia que se consubstancia na aceitação da especificidade do Outro, na valorização da criação em detrimento da reprodução, no predomínio da ação/trabalho em vez de uma postura passiva, e na aprendizagem do questionamento e da reflexão pessoal e grupal.

# CAPITULO 1

## A ACADEMIA INTERNACIONAL DE TEATRO PARA JOVENS

*Tous les enfants naissent pour être artistes, pour exprimer, pour être créateurs.*

Elisabeth Toulet

### 1.1 – A Arte de Encontrar o Outro

A Academia Internacional de Teatro para Jovens foi fundada em 1986, em França, depois da filmagem do filme *L'Avenir de l'homme dans les yeux d'un enfant* realizada com crianças índias-americanas, quebequianas e francesas. A Academia tem na sua origem a vocação de permitir que crianças de origens culturais ou sociais diferentes, se encontrem e cooperem numa mesma criação artística.

Hoje em dia, a Academia é um lugar de encontro entre crianças provenientes de todos os meios sociais: famílias favorecidas, modestas ou que conhecem a prova da precariedade.

Esta diversidade de origens é uma mais-valia extraordinária no plano educativo, por permitir às crianças conhecerem-se – no sentido etimológico: *connaître* (nascem para o outro) -, apreciarem-se e estimarem-se mutuamente. Toda a pedagogia da Academia tende para este objetivo: aprender a encontrar o outro, descobrir “a arte de viver em conjunto”.

É graças ao voluntariado dos organizadores que a Academia se realiza anualmente. Todos os anos é necessário procurar financiamentos complementares aos pagamentos das famílias, essencialmente junto do mecenato privado. São solicitadas também outras ajudas, especificamente, a disponibilização de uma sala de teatro por um preço reduzido, e possibilidades de apadrinhamentos para permitir reduções dos custos às famílias que têm mais dificuldade em pagar.

Os responsáveis do projeto são Elisabeth Toulet, Christine Sallet e Francisco Marques.

Elisabeth Toulet, professora diplomada em Estudos Avançados em Prática Social, fundou a Academia querendo intervir no mal-estar existencial de muitos adolescentes. Em busca de novos caminhos, ela deixou o ensino para se dedicar ao desenvolvimento da educação artística na infância e juventude. Funda a Academia com o auxílio da Companhia de Teatro *l'Arc en Ciel*<sup>1</sup>.

Christine Saillet é animadora cultural e formadora de expressão teatral para jovens e adultos. É formadora da Academia da qual é codiretora desde 2004.

Francisco Marques, português a viver e trabalhar em França desde sempre, é animador cultural e formador de expressão teatral para jovens e adultos. É ele o responsável pela importante parceria com o Movimento *ATD Quart Monde*<sup>2</sup>, assim como pela cooperação da Academia com Angola e Portugal.

É na certeza comum de que a cultura é um alimento essencial para o ser humano e de que no palco, todas as diferenças sociais se apagam, deixando aparecer a verdade e a beleza única de cada uma das crianças, que se funda a parceria com o Movimento *ATD Quart Monde*. Desde 1999 que os formadores da Academia animam ateliers de expressão teatral para as crianças e jovens da Cidade da Promoção Familiar que o Movimento criou nos arredores de Paris. São muitas dessas crianças que participam, cada verão, na Academia Internacional de Teatro para Jovens.

A Academia é uma aventura maravilhosa de cocriação partilhada por adultos e crianças. É porque os adultos se entregam com paixão ao projeto que as crianças ganham vontade de se entregarem também.

A equipa que enquadra os dias durante a Academia é composta por artistas formadores e animadores que trabalham ao nível teatral com os jovens e tomam conta deles fora dos ateliers: jogos, serões, deitar, levantar e em todos os aspetos da vida quotidiana: pôr a mesa, lavar a loiça, enfermaria, correspondência, arrumação dos quartos... Esta equipa é numerosa para permitir uma grande disponibilidade para todos os jovens.

Se os formadores artísticos têm por missão conduzir o jovem a uma expressão pessoal e verdadeira, os animadores procuram fazer com que essa aprendizagem da

---

<sup>1</sup> Instalada desde 1993 em Machy, perto de Lyon, a companhia nasceu em 1963 em Paris.

<sup>2</sup> Associação não governamental fundada em 1957 por Joseph Wresinski.

simplicidade se prolongue e traduza em todos os momentos do dia: refeições, jogos, serões...

Para criar um espetáculo de qualidade, os formadores não usam apenas técnicas de improvisação e material fornecido pelas crianças durante os exercícios. O espetáculo é preparado antes com o encenador e os formadores. Cada Academia precisa antecipadamente de um trabalho de adaptação feito a partir de uma peça, um conto, um grande mito, um filme, como tem acontecido nas já inúmeras criações: *Cinderela*, *Oliver Twist*, *A Ilíada*, *A Odisseia*, *Hello Mister Chaplin!*, *O livro da Selva*, *Lili*, *Juju*, *Rachid e os outros...*, *Une récré terrible!*, *Sacré Goupil!*, *Les mille oiseaux de Sadako*.

## 1.2 – Grupo-Alvo

Esta aventura da Academia é proposta na fase da pré-adolescência (entre os 8 e os 12 anos) quando os jovens têm a necessidade de sair do ambiente fechado, íntimo e seguro que é a sua família, para descobrir a realidade do mundo e da vida social. É uma idade em que o jovem ainda é em geral equilibrado, possui um espírito curioso, e está ávido de descobrir os outros, o desconhecido. É a idade em que se alimenta e educa o altruísmo e a sensibilidade estética, bastante visível na criança pequena, mas que se pode perder, quando não cuidamos de a cultivar.

*Nesta fase, a criança tende a sentir-se em sintonia consigo mesma e com o mundo que a rodeia, numa luta pela estabilidade e pela consolidação das aquisições já conseguidas e que constituem a sua identidade. (...) Assim, as fantasias são o produto normal dessa estrutura da latência, na medida em que permitem à criança negociar com os desejos insuportáveis dirigidos aos pais. (...) Durante a latência, os desejos encontram normalmente a sua expressão nas fantasias e nos seus derivativos, ou seja, no jogo. (...) A criança para se defender dos seus desejos e afectos interditos recorre secundariamente à realidade, privilegiando a via da fantasia. (Sá, 2003, pp.31 e 33)*

Durante este período da vida dos jovens, algures entre o fim da infância e o início da adolescência “passam-se fenómenos de ordem hormonal, neuro-hormonal e, mesmo ao nível do sistema nervoso, muito importantes, que vão condicionar todo o comportamento do jovem nessa altura.” (Santos, 1999, p.73) Paralelamente às alterações físicas (exteriores) que os jovens sofrem nesta altura, existe uma intensa procura de identidade.

*Uma criança com 10-11 anos atingiu uma harmonia de desenvolvimento que, a partir de então, como que se desarranja, há uma espécie de desarmonia, desarmonia não só evidentemente corporal, física, mas também ao nível psicológico. (...) Nesta altura o jovem está à procura de si mesmo, isto é, o sentimento de si mesmo parece ser de facto uma das características desta época. (Santos, 1999, p.74 e 77)*

Durante a pré-adolescência, os jovens nutrem um claro “instinto de relação” (social), “sendo esta fase da vida a idade do sentimento, de tal modo que alguns autores chegam mesmo a dizer que os sentimentos são a verdadeira riqueza dos adolescentes, sendo dois sentimentos fundamentais os que se relacionam com a amizade e com o amor.” (Santos, 1999, p.78)

Para arriscar a expressão pessoal diante dos outros, mostrar o dom de si aos outros, a criança tem necessidade de uma total confiança. No início de cada Academia, o respeito mútuo é explicitamente pedido às crianças como uma regra essencial do jogo: não trocar uns dos outros.

Este respeito é antes de mais inspirado pela atitude de disponibilidade e compreensão dos adultos para com as crianças e no seio da equipa de responsáveis. Não podemos pedir às crianças que se respeitem se não lhes damos nós o exemplo. Os adultos também ajudam as crianças a mudarem a forma como se olham e a resolverem os seus conflitos, falando com elas, desdramatizando as situações, encorajando-as a pedir perdão sempre que necessário e a perdoarem-se mutuamente.

É missão de todos os adultos que intervêm na experiência da Academia, estabelecer um outro tipo de relação, diferente daquele com o qual os jovens estão familiarizados. Numa fase em que estão particularmente disponíveis para descobrir o mundo, eles devem ser estimulados, mas são muitas vezes negligenciados em diversos aspetos. Assim, é face a este “instinto social” do jovem pré-adolescente, que a pedagogia da Academia procura intervir, trazendo/mostrando o mundo.

As dinâmicas assentam sobretudo numa base de diálogo. Este diálogo ajuda os jovens a conhecerem-se também como seres comunicantes, como seres sociais.

*Uma semente isolada não cresce; mas se tiver condições de ser estimulada por outra coisa, então liberta-se. O outro é essencial para que a minha existência se desenvolva, para que aquilo que eu sou adquira dinamismo e vida. (Giussani, 2006, p.120)*

O teatro é uma arte do coletivo na medida em que pressupõe uma ideia de unidade das diferentes partes que a constituem. Tal como num corpo completo no qual membros, órgãos, sentidos, juntos permitem o seu funcionamento, no palco todos os elementos devem concorrer para o mesmo objetivo: direção de atores, músicas,

figurinos, luzes, encenação. Assim, a criação de um espetáculo pede a cada um para ultrapassar o seu individualismo. A unidade nunca será perfeita, mas procurá-la é já vivê-la.

Quando queremos criar laços, é preciso que as crianças façam qualquer coisa em conjunto e que seja verdadeiramente de qualidade. Este processo liga-as umas às outras. Os discursos não são determinantes nem suficientes, podemos ter muitas ideias sobre a solidariedade, sobre como respeitar os outros, mas isso faz-se, vive-se.

Na Academia aprende-se a ser feliz<sup>3</sup>, individualmente e em conjunto, adultos e crianças. O teatro permite esta aprendizagem, na medida em que convida cada um a exercitar o espírito criativo como uma atitude face à vida, “um modo de percepção que dá ao indivíduo o sentimento que a vida vale a pena ser vivida” segundo as palavras do psicólogo Winnicott, citado por Elisabeth Toulet. E a brincadeira é por excelência o estado criativo, no qual o homem se sente livre de mostrar toda a sua personalidade.

A criança gosta do trabalho de expressão quando ele apela à sua criatividade, não porque se torna menos exigente, mas porque lhe permite ser ela mesma, realçando o conhecimento de si e do outro, aumentando a confiança em si.

---

<sup>3</sup> Segundo o filósofo Robert Misrahi, a felicidade é o único objetivo da educação. “A educação deve desenvolver, em primeiríssimo lugar, o sentido da felicidade, ou seja, uma espécie de atenção, de perspicácia, dirigidas a si próprio e à vida, e que indicam que só a alegria importa. Mas o sentido da felicidade não é ainda a própria felicidade. É preciso, por conseguinte, despertar a criança para o seu próprio desejo, pois é ele que a conduz à alegria.(...) A humanidade envolve-se em conflitos que poderia evitar se reflectisse sobre a significação do que ela deseja verdadeiramente. (...) Desejar é algo que se aprende. E a tarefa da educação consiste precisamente em detectar o caminho que permitiria às consciências dominar o seu desejo. (...) O domínio do desejo consiste em fazer intervir a reflexão para o informar, o tornar consciente de si mesmo e lhe poupar os falsos passos. (...) A educação consiste em desenvolver as personalidades concretas, de tal modo que, pouco a pouco, elas despertem para a alegria e compreendam que esta não pode realizar-se, por exemplo, sem os conhecimentos.” (Kechikian, 1993, p. 15)

### 1.3 - A Expressão de Emoções

*“A educação através da arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos. Para esclarecer o seu efeito, poderia dizer-se como em psicoterapia: é melhor fazer que pensar, é melhor falar que fazer, ou, dito de outra forma: é melhor exprimir as emoções do que retê-las e inibi-las.”* (João dos Santos, 2009, p.196)

A Expressão é a representação comunicável do mundo exterior através da conclusão entre a impressão e as emoções.

A habilidade de reconhecer os próprios sentimentos, compreender os dos outros e saber lidar com eles é o que a psicologia chama de Inteligência Emocional – e ela é tão importante quanto o Quociente de Inteligência, porque confere a serenidade e o discernimento necessários para que as funções cognitivas trabalhem plenamente.

A Inteligência Emocional não se baseia em aptidões intelectuais, mas sim na facilidade com a qual uma pessoa se relaciona num meio social. A Inteligência emocional “está relacionada com um conjunto de habilidades que se baseiam na capacidade de reconhecer os sentimentos próprios e alheios para que sirvam de guia ao pensamento e à acção” (Pérsico, 2011, p.17)

A partir do seu nascimento, a criança passa por diferentes etapas nas quais vai aprendendo a utilizar tanto o seu corpo como a sua mente. Independentemente do sistema de classificação sobre a psicologia evolutiva, pode afirmar-se que em cada uma das etapas evolutivas a criança adquire diferentes ferramentas que lhe permitem utilizar o seu meio envolvente, conhecer-se a si própria e conhecer o que a rodeia.

*“A criança aprende, a partir dos seis meses, a sua primeira linguagem: a linguagem emocional. Através do choro, dos sorrisos, do vigoroso espernear de alegria comunica o que está a sentir.”* (Pérsico, 2011, p. 283)

As crianças e os jovens vivem frequentemente situações de injustiça, factos que, mesmo quando não são intencionais por parte dos adultos, não deixam de lhes ser dolorosos. No entanto, não têm a opção de mostrar a sua indignação ou a sua irritação, já que isto seria considerado por parte do adulto como uma imperdoável impertinência. A acumulação dessas emoções que ficam profundamente gravadas na mente dos jovens poderá provocar na idade adulta condutas que trazem infelicidade ou mesmo provocar doenças do foro psicológico. Esconder as emoções só serve para criar no corpo sérios desequilíbrios.

Pelas práticas pedagógicas defendidas e praticadas na Academia Internacional de Teatro para Jovens é oferecido o tempo e espaço de exteriorização de emoções num contexto aceitável e saudável.

O palco permite expressar a emoção, encontrá-la em nós, ser uma manifestação da nossa humanidade.

A expressão propriamente dita da emoção é a última etapa de um processo interior. O formador artístico tem como missão guiar a criança para uma expressão pessoal e verdadeira, de a levar a descobrir esse movimento que parte do mais profundo dela mesma, da sua capacidade pessoal de emoção, para encarnar um sentimento que se traduz num gesto, num olhar, num som, numa palavra.

*Na origem do homem como ser pensante, o gesto e a atitude alternam-se ritmicamente em significâncias que vão do amor ao ódio, do desejo de entrar em contacto e de comunicar, à necessidade de rejeitar o contacto e a comunicação. (João dos Santos, 2009, p. 52)*

Mesmo obedecendo a regras precisas este percurso não é uma técnica. Ele solicita a presença do ser, diante de si e dos outros, para entrar numa troca autêntica onde as palavras «eu», «tu», «nós» ganham um novo sentido e consistência. Esta experiência de abertura interior não é uma prerrogativa de certos jovens mais dotados que outros. Ela está ao alcance de todos. A aprendizagem técnica, texto, dicção, colocação da voz, é necessária mas secundária nesta experiência que tem um sentido único para a criança.

Partir de si, como é pedido a cada jovem, é ir mais longe, ultrapassar o que já conhece para descobrir uma coisa nova.

*Trata-se de harmonizar o corpo com o espírito, a natureza com o corpo e o corpo com o gesto e o gesto com o pensamento.*  
(João dos Santos, 2009, p.48)

A expressão é um convite a descentrar-se de si mesmo para ir ao encontro do outro, que está em cena consigo, do espectador que o observa oculto na penumbra mas de quem ele se apercebe da presença, da personagem que encarna.

*A psicomotricidade é a expressão corporal, comunicação de emoções relacionais tornada linguagem. Psicomotricidade é a expressão corporal cristalizável em atitudes e gestos simbólicos. A expressão corporal só é psicomotricidade quando conduz ao símbolo e só, portanto, quando passa pela atitude, servindo-se do ritmo que oscila entre movimento e paragens, gesto e atitude ou falar e silêncio. O símbolo é paragem, atitude, silêncio potencialmente significativo.* (João dos Santos 2009, p.43)

Uma criança tem já em si toda a paleta de sentimentos humanos: amor, cólera, alegria, tristeza... mesmo se ainda não é capaz de captar as complexidades psicológicas de uma personagem de teatro concebida por um adulto.

*A educação estética é a educação das emoções através de uma forma particular de relação humana – actividade simbólica – desenvolvida a partir de movimentos espontâneos primários e não através de uma linguagem convencional construída para adultos.* (João dos Santos, 2009, p.199)

Este trabalho particular sobre as emoções oferece aos jovens uma maior confiança consigo próprio, um maior sentimento de satisfação. O desenvolvimento destas competências torna-os certamente pessoas mais alegres e com maior abertura para exprimir os seus sentimentos, comunicando mais claramente com os outros.

É nos contos, nos mitos e em certos autores dramáticos que encontramos personagens arquétipos da humanidade, portadores de sentimentos universais com os quais ela é capaz de simpatizar.

*A educação através da arte, com as actividades que dizem respeito à expressão corporal (...) permitem à criança sublimar os seus instintos e ao mesmo tempo expandir os impulsos e sentimentos mais elementares. (João dos Santos, 2009, p.202)*

A criança distingue muito bem entre si e a sua personagem. Trabalhar um personagem, é na verdade encontrar e amar um outro. Paradoxalmente, representar um papel no palco, permite à criança abandonar os papéis que atribui a si própria na vida, de passar do *parecer* ao *ser*.

A partir da relação que a criança cria com a sua personagem, descobre a profundidade da relação humana. O palco é um lugar de aprendizagem da compreensão humana, do altruísmo.

*Aristóteles defendia a arte como propiciadora de “catarse”, purificação – através da identificação passiva com um personagem que deveria ser indubitavelmente virtuoso. Assim, e desse modo, a arte teatral deveria ser usada para reforçar valores e enaltecer virtudes a serem inculcadas na população de modo que, passivamente fossem tomando para si as emoções e os pensamentos dos personagens teatralizados como se fora de sua livre escolha. (Boal, 2005, p. 36 e 75).*

## 1.4 - Academia Internacional de Teatro para Jovens em Portugal

Após vários anos de relação de amizade e de trabalho entre os membros constituintes da Academia e alguns atores portugueses, nomeadamente Júlio Martín da Fonseca, José Nogueira Ramos<sup>4</sup> e Adélia Ramos (artistas fundadores do Teatro do Ourives<sup>5</sup> do qual faço parte), que muito lutaram por este acontecimento, ficou finalmente definida a realização do grande Estágio de Criação de 2013, em Portugal.

Elisabeth Toulet veio a Portugal em Janeiro de 2013 para realizar dois curtos *workshops* de expressão para jovens que quisessem ter um primeiro contato com o Teatro e fazer-lhes o convite para participar na primeira edição do Estágio de Criação em Portugal, no mês de Agosto. Enquanto esteve presente em Portugal, Elisabeth Toulet aproveitou para fazer também algumas apresentações públicas formais sobre a Academia e reuniu com os elementos que viriam a constituir a equipa de Portugueses e com eles começou a preparar o Estágio.

Júlio Martín da Fonseca foi o encenador escolhido para a criação do espetáculo de apresentação final da Academia em Portugal e foi ele mesmo que propôs o texto a partir do qual iriam trabalhar: *O Pássaro Azul*, de Maeterlinck. Nesta primeira reunião, em Janeiro, Júlio apresentou uma proposta de caminho dramático para o texto e de algumas ideias de composição cénica do espetáculo: este Pássaro Azul, funcionaria como uma espécie de símbolo da Felicidade; todos estariam sempre em cena; haveria um Chapéu Mágico que permitiria transformar a realidade, tornando visível o invisível, fazendo tudo ganhar vida.

Foram também definidas algumas estratégias para os momentos livres e lúdicos dos jovens, dos quais ficariam responsáveis os dois animadores portugueses: João Pires e João Nogueira Ramos. De França, viriam também elementos para integrar a equipa de animadores.

Elisabeth Toulet determinou ainda que durante a última semana do Estágio de Criação, ou seja, de 19 a 24 de Agosto, iria promover simultaneamente nas instalações

---

<sup>4</sup> Ator e terapeuta, faleceu no decorrer da escrita deste relatório.

<sup>5</sup> Grupo de teatro que nasce a partir de um projeto no *Vale de Acor* (Associação de recuperação para pessoas com dependência de álcool ou drogas). O nome do grupo pretende também homenagear João Paulo II, que foi ator e escreveu uma peça chamada *A Loja do Ourives*.

do Seminário de Almada, um Estágio para profissionais da área interessados (atores, formadores, educadores, etc.) onde apresentaria de forma teórica e prática, o trabalho da Academia Internacional de Teatro para Jovens.

Já havia nesta altura muitas pré-inscrições e a certeza de que para além dos jovens Belgas, Franceses e Portugueses, viriam também jovens de Angola, fruto de uma parceria com Orlando Domingos que promove no seu país projetos nesta área.

Orlando Domingos, artista e professor, criou a Associação *Globo Dikulu*<sup>6</sup> há 25 anos, para promover a educação cultural e artística das crianças e dos jovens. Com um grupo de amigos, construiu no Cazenga (“bairro” desfavorecido de 2 milhões de habitantes nos arredores de Luanda), um centro de animação artística, *Anim’Art*, que se tornou ao longo dos anos um verdadeiro centro cultural, como testemunha o seu Festival Internacional de Teatro, que conta já com dez edições.

Em 2009, Francisco Marques e Christine Sallet animaram estágios de expressão teatral para cinquenta crianças e jovens do Cazenga. O *Anim’Art* abriu um atelier de teatro para crianças no seguimento desses estágios. Em Novembro de 2011 encontraram-se com Orlando Domingos e com Júlio Martin em Barcelona, no Congresso *Et si la beauté pouvait sauver le monde?*. Em Agosto de 2012 um grupo de crianças Angolanas preparou-se para participar na Academia de verão na Bélgica, mas os visas foram recusados: franceses e belgas, juntos para a criação de *Mille oiseaux de Sadako*, enviaram aos angolanos o cenário do espetáculo com uma mensagem de amizade. Em Janeiro de 2013, de regresso ao Cazenga, Francisco e Christine montaram dois espetáculos com 60 crianças e jovens. O acontecimento foi largamente divulgado pela imprensa e pela televisão.

Finalmente, em Agosto de 2013, seis crianças do Cazenga, acompanhadas por três jovens animadores e Orlando Domingos, participaram na Academia de verão em Portugal, comprometendo-se a ser no seu regresso os pilares do atelier de teatro, no qual eles são os representantes de todas as outras crianças.

A Academia de verão teria assim lugar em Almada, diante de Lisboa, na margem sul do Rio Tejo, no Seminário Diocesano, sítio patrimonial do século XVII.

---

<sup>6</sup> Organização Não Governamental de Juventude virada para ações Sócio Culturais, fundada em 1989, em Luanda.

As crianças ficariam instaladas num cenário magnífico, tipicamente português. Dormiriam em quartos espaçosos de duas ou três camas. Adultos e crianças, tomariam as refeições todos juntos num grande refeitório. Estes momentos são tempos privilegiados para conversar.

Respeitando o formato praticado nas edições da Academia na Bélgica, a formação teatral ocupa cinco a seis horas por dia. Em geral as crianças juntam-se de manhã para o trabalho de aquecimento corporal, o canto e ensaio das cenas de conjunto. Da parte da tarde, são distribuídos por ateliers em pequenos grupos, trabalhando com um ou dois formadores em cada atelier. O trabalho do canto seria levado a cabo por Jean-Baget, maestro, acompanhado ao piano por Jean-Gabriel Bensoussan.

A preparação das mesas para as refeições e a lavagem da loiça é da responsabilidade dos jovens em conjunto com os adultos.

Estão previstos diariamente grandes períodos de descontração em contato direto com a natureza. O Seminário está rodeado por um grande parque que tem vista para o Tejo. Jovens e adultos têm a oportunidade de se juntar para os serões, durante os quais brincam em conjunto, cultivam-se a ver um filme, a ouvir música ou uma estória.

É num desejo de abertura europeia, que a Academia se realiza desde 1997 na Bélgica e em 2013, pela primeira vez, em Portugal. Graças a uma parceria com o movimento *ATD Quart Monde* e a Associação Angolana *Globo Dikulu*, esta experiência cultural foi enriquecida pela presença de crianças vindas de meios muito desfavorecidos ou provenientes da imigração.

### 1.4.1 - Estágio de Criação de 5 a 24 de Agosto de 2013

No dia 4 de Agosto de 2013, toda a equipa de adultos reuniu-se em Almada para ultimar os preparativos. Elisabeth Toulet e Francisco Marques falaram-nos numa proposta que partia de uma estética do quotidiano e que contemplaria a questão multicultural com um maior ênfase nos momentos de refeições e outros momentos coletivos extra trabalho, para os quais teria que se estabelecer um equilibrado código de conduta.

O objetivo primeiro é que as crianças se divirtam, que esta experiência para elas seja como um jogo. Para isso seria indispensável cuidar das relações, da comunicação, do respeito pela diferença e da delicadeza da vida.

*O jogo pode, então, ser considerado como o meio privilegiado que a criança encontra para dramatizar, representar, comunicar, «descarregar» as próprias fantasias inconscientes e também para elaborar a ansiedade e as angústias ligadas a essas fantasias, bem como experimentar e afinar papéis sociais num processo de identificações antecipadas. (Sá, 2003, p. 178)*

#### **Primeira semana**

Objetivos: Travar conhecimento; Iniciação à expressão teatral; Aquecimento; respiração, descontração, concentração. Estar em palco: olhar, deixar-se olhar, andar, escutar, falar, cantar. Expressar um sentimento: sorrir, rir, chorar... exercícios de imaginação e de improvisação.

Durante toda a manhã de segunda-feira, 5 de Agosto, as trinta e seis crianças da França, da Bélgica, de Angola e de Portugal foram chegando com grandes bagagens, despedindo-se dos familiares que só voltariam a ver após três semanas, deixando para trás, telemóveis, computadores, consolas e embarcando numa viagem de três semanas com o entusiasmo de viverem uma experiência inesquecível. Algumas das crianças proveniente de França e da Bélgica, assim como duas raparigas portuguesas, já haviam participado noutras edições da Academia, em anos anteriores, na Bélgica.

Todos os jovens se mostraram encantados com o Seminário, os quartos, as salas de trabalho, os espaços de jogos, mas sobretudo com a maravilhosa vista que permitia contemplar silenciosamente o rio Tejo e a vizinha cidade de Lisboa.

Durante a tarde desta segunda-feira, Francisco Marques orientou diversos exercícios no grande ginásio que permitiram a todos conhecerem-se e saberem os nomes uns dos outros. Foram também apresentadas as principais “regras do jogo” para o funcionamento das três semanas que se seguiriam.

Nos dias seguintes, o trabalho nos períodos da manhã seria com o grupo todo junto: uma primeira parte de aquecimento (concentração, coordenação, expressão corporal, domínio do espaço, articulação e projeção da voz...) orientada alternadamente por um dos formadores, e uma segunda parte de trabalho de canto com a direção de Jean-Paul Baget e o acompanhamento ao piano de Jean-Gabriel Bensoussan.

Nos períodos da tarde, nesta primeira semana, o grupo seria dividido em três subgrupos com os quais estariam sempre dois adultos (um que dominasse a Língua Portuguesa e outro a Língua Francesa). Estes três subgrupos trabalharam em diferentes salas, com um mesmo objetivo, o de introduzir a linguagem da Expressão, através de exercícios de improvisação que fossem estabelecendo uma ponte com as temáticas que seriam abordadas no espetáculo: o Passado (memórias, avós...), o Presente (o que me faz sentir bem, feliz) e o Futuro (o que gostaria de vir a ser).

Na terça-feira o aquecimento foi orientado por Júlio Martin da Fonseca que trabalhou noções indispensáveis de postura corporal, respiração, domínio do espaço e de dicção, articulação e projeção. No início da tarde, antes do grupo se dividir, Júlio apresentou o texto “O Pássaro Azul” e o seu universo, explicando sucintamente que a estória original se passava no Natal, com uma família muito pobre que observa pela janela outras crianças muito felizes, ficando muito tristes e aborrecidos por não terem nada. O encenador explicou ainda que seria a partir do aparecimento de uma fada, a pedir ajuda para encontrar o pássaro azul, que a estória se iria desenrolar. Com a ajuda de um chapéu mágico, as crianças iriam atravessar diversos e misteriosos países (o da Saudade, o da Noite, o da Felicidade e o do Futuro) onde animais e plantas ganhariam vida. Quando as crianças regressam depois desta aventura percebem que o pássaro que tinham em casa era azul, ou seja, que nunca tinham visto realmente, simbolizando que o verdadeiro pássaro azul, no fundo a felicidade, habita dentro de cada um deles.

Júlio propôs algumas improvisações nas quais os jovens experimentaram construir uma vasta floresta descobrindo como poderiam moldar o seu corpo com a forma de uma árvore. E realizou ainda um exercício em círculo, com um chapéu que, quando fosse colocado, teria que transformar a pessoa numa outra coisa/pessoa/animal.

*Assim, jogar permite ultrapassar a destruição do objeto, pela proposta de novos objectos, resultando num efeito de consolo para a criança. A angústia transforma-se, assim, em prazer. (...) O jogo, inclui elementos da fantasia, mas obriga à tomada de consideração do real. Com efeito, pela sua inserção na realidade, permite que a criança não seja muito invadida ou devorada pelos seus próprios fantasmas, podendo estes serem projectados na dinâmica real subjacente à actividade lúdica. (Sá, 2003, p.178)*

Nos ateliers de expressão os jovens realizaram exercícios (sobretudo individuais) orientados para que recorressem a memórias reais do seu passado e as usassem para expressar diferentes emoções. Alguns dos exercícios convidaram também os jovens a projetar o seu futuro, numa tentativa de expressão dos seus sonhos, e ainda a expressar sensações que refletissem coisas que lhes provocam agrado e desagrado.

Na sexta-feira, depois de orientar o aquecimento, Júlio, começou a traçar juntamente com os jovens, um esboço do espetáculo, fazendo o levantamento das cenas através de improvisações. O trabalho deste dia foi muito produtivo, para os jovens e para toda a equipa de adultos, pois tornou real e visível a concretização da estória que seria contada no espetáculo. A tarde terminou com uma ida à praia, para grande satisfação de todos.

A manhã do primeiro Sábado foi dedicada ao “Círculo da Confiança”: divididos em cinco pequenos grupos, conversámos sentados em círculo, questionando os jovens sobre a experiência até aquele momento. Este momento serviu para perceber de facto como os jovens se estavam a sentir relativamente ao trabalho e à vivência em grupo (do que estão a gostar, do que não estão a gostar), para promover algumas reconciliações (resolução de conflitos) e para que os jovens se sentissem ouvidos, neste espaço/tempo em que poderiam verbalizar as suas dificuldades, as suas alegrias, e fazer sugestões.

Os pontos mais frequentemente mencionados pelos jovens foram relacionados com a questão da Língua, que principalmente nos momentos antes de dormir, tornava

complicada a comunicação. Todos se demonstraram entusiasmados com a construção do espetáculo e destacaram os momentos de jogos coletivos que eram promovidos todos os serões.

Ainda na tarde de Sábado, divididos em três grupos, cada grupo trabalhou sobre uma das três primeiras cenas e ao final da tarde cada grupo fez uma pequena apresentação para os restantes, que acabou também por funcionar como uma proposta cénica para cada uma das respetivas cenas.

No Domingo o trabalho foi posto de parte e todos rumaram a Lisboa para um dia de descontraído passeio.

## **Segunda semana**

Objetivos: Distribuição dos personagens, exploração e construção das cenas e dos personagens; realização de ateliers de teatro e expressão corporal, aprendizagem dos textos, encenação do espetáculo

Na manhã da segunda-feira da segunda semana, Nelson, formador Angolano, orientou um aquecimento que incidiu sobretudo num trabalho de consciência corporal, confiança, perceção do outro e ritmo. A dinâmica, que incluiu momentos de livre expressão corporal com música africana, foi muito bem recebida por todos os jovens. Os jovens franceses e belgas, apesar de notoriamente pouco familiarizados com este tipo de linguagem corporal, mostraram mais dificuldade através de uma espécie de crispação acrescida, mas nem por isso demonstraram menos entusiasmo.

No trabalho com Jean-Paul, aprenderam músicas como “Amazing Grace”, “Oh Freedom”, “Tous les animaux du monde”, “Dorme, dorme, meu menino”, entre outras. A abordagem de Jean-Paul era muito envolvente. Através de dinâmicas corporais pelo espaço, os jovens apreenderam muito facilmente as diferentes músicas mesmo sendo em línguas diferentes da sua.

À tarde formaram-se novamente três grupos e cada um trabalhou uma das três cenas restantes, apresentando o resultado ao final do dia. Foi muito bom para todos,

jovens e adultos, chegar ao final deste dia e ter um desenho concreto de todas as cenas através das propostas apresentadas por cada um dos grupos de trabalho.

Terça-feira, depois da manhã de aquecimento e do trabalho de canto, e já à tarde Júlio perguntou a cada jovem que personagem gostaria de interpretar no espetáculo. Foi um momento muito importante, porque fez com que os jovens se sentissem ainda mais parte integrante da construção do espetáculo. E num quadro branco fomos escrevendo a distribuição dos personagens de forma que todos fizessem uma personagem à sua escolha: irmãos; cão; gato; avô, avó, árvores; rainha da noite; senhor do tempo; momento; estrelas; pássaros azuis; etc... A partir deste dia, os jovens agarraram-se às frases dos seus personagens e ocupavam grande parte dos seus tempos livres a tentar decorá-las.

A maior dificuldade tanto para os jovens como para o encenador era o fato, e também o grande desafio, do espetáculo ser bilingue. Montar um espetáculo com trinta e seis crianças sempre em palco, em duas línguas diferentes (português e francês) foi, de fato, um desafio gigantesco. A necessidade de dizer frases em português, outras em francês, outras ainda nas duas línguas apresentava muitas limitações sobretudo no que diz respeito ao ritmo das cenas. Se por um lado era importante que os espetadores percebessem a estória, também era fundamental que os momentos de contracena, e o espetáculo no seu todo, tivessem um ritmo interessante e que cativasse o público.

Também por esta razão, Júlio optou por dar bastante ênfase ao uso da linguagem corporal (linguagem universal) em todas as cenas e sobretudo na construção de personagens.

*Os impulsos (texto, personagem, circunstância, situação, música, objetos) se transformam naturalmente em movimento – através de um estado de espontaneidade, num processo instalado no lugar do instinto/intuição. Não há o espaço/tempo para a transformação, o impulso é a sua própria expressão e é neste sentido que as ferramentas desaparecem. (Keiserman, 2013, p.92)*

### **Terceira semana**

Objetivos: Ensaios no Teatro da Comuna em Lisboa, ensaio geral, apresentações do espetáculo ao público.

Os jovens foram demonstrando vários sinais de cansaço e maior dificuldade de concentração, mas no início da terceira semana todas as forças e energias estavam restabelecidas graças à excitação dos ensaios no Teatro da Comuna.

O responsável pelas luzes, recém-chegado de França, Philippe Bourgeais, preparou uma dinâmica de conhecimento do espaço na qual cada um teve a oportunidade de explorar o palco individualmente, tomando consciência da sua dimensão, das luzes, da plateia, e proporcionando uma rápida sensação de familiaridade com todo aquele ambiente de bastidores, camarins, de projetores... de Teatro.

Francisco Marques foi preparando, desde a segunda semana, alguns adereços e figurinos, e na chegada ao Teatro da Comuna instalou um verdadeiro estendal de chapéus adornados por si e pela mãe de uma das jovens que se voluntariou para ajudar neste trabalho. O estendal de chapéus estendia-se por toda a largura do palco e serviria não só de cenário como de local de transformação de personagens através da colocação dos respetivos chapéus.

Antes do ensaio geral, foram realizados vários ensaios com paragens, apurando questões de luzes, de músicas e também de ocupação do espaço, de interpretação das personagens e de projeção e articulação vocal.

Os dois espetáculos, nos dias 23 às 20h30 e 24 às 16h, correram muito bem. Os 36 jovens “atores” e o público partilharam momentos de beleza sublime. Todos os espetadores manifestaram deslumbramento com o espetáculo, salientando o envolvimento criado pela música e a simplicidade com que o espetáculo contava aquela estória.

#### **1.4.2- Estágio de Expressão Teatral de 20 a 27 de Julho de 2014**

Depois da primeira edição da Academia em Portugal, em Agosto de 2013, a equipa de formadores foi mantendo contato tanto no sentido de refletir sobre a forma como decorreu a experiência sob variados aspetos, como no sentido de projetar a continuidade da presença da Academia em Portugal. Ficou decidido pelos responsáveis da Academia que em 2014, o Estágio de Criação da Academia deveria voltar a realizar-se na Bélgica, e que em Portugal se realizaria desta vez o formato de Estágio de Expressão Teatral que, em França e na Bélgica, a Academia promove várias vezes durante o ano.

Para este formato pressupõe-se um grupo mais reduzido de jovens, e consequentemente da equipa de adultos. Já em Abril de 2014, após observar o Estágio de Expressão Teatral na Bélgica, fui contactada por Elisabeth Toulet e Christine SAILLET que me comunicaram a data prevista para a realização do estágio em Portugal, e me propuseram assumir a organização e formação deste estágio juntamente com Francisco Marques que viria da Bélgica com essa finalidade. Aceitei com entusiasmo o desafio, e comecei por fazer a divulgação do Estágio, tratando dos aspetos necessários à realização do mesmo (alojamento, logística, etc.)

Voltamos a ter as instalações do Seminário de Almada disponíveis para nos acolher, o que foi uma grande mais-valia pois, este espaço, já se havia revelado especialmente propício para este tipo de trabalho.

Conseguimos reunir um grupo de onze jovens portugueses dispostos a embarcar nesta experiência, dos quais quatro tinham participado no Estágio de Criação em Agosto de 2013.

Algumas semanas antes, Francisco Marques pediu-me que pensasse num pequeno texto, uma pequena estória, para trabalharmos com os jovens no estágio. As hipóteses eram muitas, mas acabei por propor “O homem da capa verde”, uma peça em dois atos e três quadros, baseada num conto de tradição popular, da autoria de Fernando Paços. Fiz previamente uma adaptação do texto, pois sabia que neste Estágio não se despenderia muito tempo com uma encenação pois o trabalho dos exercícios de Expressão seria o objetivo central.

A proposta do texto foi muito bem aceite pelo Francisco que, após chegar a Portugal acompanhado por Anne Helene, que veio como animadora voluntária, reuniu comigo para ultimarmos todos os aspetos necessários. Juntamente com João Pires, que

já na edição anterior esteve presente como animador voluntário, formámos assim uma equipa de quatro adultos: eu e Francisco Marques como formadores, João Pires e Anne Helene como animadores.

Ao final da tarde de Domingo, dia 20 de Julho de 2014, os jovens foram chegando com os familiares, conhecendo os espaços do seminário (quartos, salas de trabalho, refeitório, espaços de lazer) e foram-se naturalmente conhecendo e conversando uns com os outros.

Os quatro elementos que haviam participado na Academia do ano anterior, chegaram com um entusiasmo muito grande, em rever aquele lugar onde viveram uma experiência tão intensa, em rever algumas pessoas, e na expectativa de como iria ser desta vez. Estavam naturalmente mais crescidos, e mais confiantes comparativamente à forma como se apresentaram em 2013, tímidos e inseguros.

Os restantes jovens, que vieram para o estágio nunca tiveram qualquer formação na área da Expressão Dramática e do Teatro, mas rapidamente se contagiaram com o entusiasmo dos “veteranos”.

Ainda neste dia realizámos uma conversa em roda, em que todos se puderam apresentar na qual falámos sobre os objetivos do estágio assim como sobre algumas normas de funcionamento, nomeadamente os horários, a regra de não uso de qualquer aparelho eletrónico (telemóvel, portátil, consola...) para uma convivência mais saudável entre todos, a definição de grupos para pôr a mesa e lavar a loiça, e as regras básicas indispensáveis do respeito pelo outro quer no contexto do trabalho de expressão, quer nos momentos livres.

Definimos em equipa formativa que os três primeiros dias seriam inteiramente dedicados ao trabalho sobre a Presença<sup>7</sup> e sobre a Expressão de Emoções. Na quinta-feira apresentaríamos o texto que propúnhamos trabalhar com os jovens, já com uma distribuição e a partir daí, mantendo um momento do dia para exercícios de expressão, iríamos trabalhar a construção dos personagens e a improvisação e montagem das cenas para uma breve apresentação no Domingo, dia 27, às 16 horas.

---

<sup>7</sup> Eugénio Barba, no seu *Tratado de Antropologia Teatral*, utiliza a designação “sats” para definir o estado de alerta que caracteriza a Presença do ator: “O sats é o momento no qual a acção é pensada-executada por todo o organismo que reage com tensões também na imobilidade. É o ponto no qual se está decidido a fazer. Existe um empenho muscular, nervoso e mental já dirigido a um objectivo, É a extensão ou a retração da qual brota a acção. É a mola antes de saltar. É a atitude do felino pronto para tudo: pular, recuar ou voltar à posição de repouso. É um atleta, um jogador de ténis ou um pugilista, imóvel ou em movimento, pronto a reagir. É John Wayne perante umadversário. É Buster Keaton antes de andar. É Maria Callas quando está para cantar uma ária”. (Barba, 1989, p. 84 a 85)

A manhã de segunda-feira, no amplo e iluminado ginásio, foi dedicada a exercícios coletivos de Expressão, jogos dramáticos que incidiram na concentração, na consciência corporal e do espaço, na relação com o outro e ainda numa abordagem a exercícios de respiração e expressão oral, experimentando ritmos, volumes e inflexões diferentes. Já depois do almoço, começamos o trabalho de Expressão numa sala escurecida, com um espaço de cena iluminado por um projetor e um espaço com cadeiras que serviria de plateia.

Foi feita uma pequena introdução ao tipo de trabalho que iríamos realizar. Falamos sobre alguns conceitos do espaço cénico e da importância da luz.

O primeiro desafio feito a cada um foi de experimentar simplesmente estar sozinho no “palco”, de frente para os outros. Deixar-se ser observado e experienciar a sensação de estar ali sozinho, a sentir a luz, e com a consciência que os outros estão a olhar para si. Deixar que os outros olhem para si, sem medo de ser julgado.

Num segundo exercício, com uma cadeira ao fundo, cada um teve que vir à boca de cena, parar alguns segundos sempre a olhar em frente, recuar até à cadeira, escolher uma forma de se sentar e dizer “Bom dia” e de seguida o seu nome.

Por ser um exercício individual, houve rapidamente oportunidade de perceber muito da forma de estar de cada um. Pedimos-lhes que tomassem bem consciência da respiração, e para não se esconderem, não esconderem o facto de estarem com medo (se fosse esse o caso), de simplesmente deixarem-se ser ali o mais próximo possível deles próprios.

No exercício seguinte, cada jovem tinha que fazer um trajeto determinado, primeiro sentado ao fundo dizer “Eu estou bem”, depois de joelhos um pouco mais à frente “Eu estou muito bem”, mais à frente deitados com o queixo sobre as mãos “Estou mesmo muito bem” e por fim, numa posição à escolha de cada um, perguntar “E vocês, como estão?”. A proposta era a de progredirem no espaço expressando-se de forma consonante com as palavras que proferiam.

Seguiu-se um exercício de improvisação de movimento em relação com um objeto. Neste exercício acompanhado com música, cada um tinha no espaço dois objetos (uma flor e um lenço) e deveria escolher um deles e improvisar com o corpo e com o objeto no espaço de cena. Para mim foi surpreendente a forma como responderam com tanta facilidade a este exercício. A maior parte deles foi capaz de escutar e observar para organicamente seguir o ritmo do seu corpo naquele momento, sem precipitações.

Num outro exercício, desta vez com dois jovens no espaço de cena, um de cada lado, foi sugerido um encontro entre duas pessoas que não se veem há muito tempo. Vão-se aproximando frente a frente até ao centro onde juntam as mãos, depois recuam lentamente e antes de chegar aos extremos correm novamente ao encontro do outro e abraçam-se. Por fim, voltam a afastar-se lentamente sempre a olhar nos olhos do outro. Alguns jovens tinham tendência para fazer o exercício de forma muito mecânica, não se permitindo expressar qualquer emoção. Quando pedíamos que repetissem, dávamos a indicação de respirarem e se prepararem bem antes do exercício, e de permitirem que a emoção se tornasse visível no rosto e no corpo.

O último exercício deste primeiro dia de trabalho sobre a expressão, pedia que cada um entrasse lentamente no espaço imaginando estar em cima de um telhado às escondidas dos pais. Chegando ao centro deviam subir a uma cadeira (chaminé) e observar ao longe uma grande feira com carrosséis, fogo-de-artifício, balões... e expressar o Deslumbramento de observar tudo aquilo. Depois ouvem os pais chamar, assustam-se e pé ante pé voltam a descer e a sair do “telhado”.

Se por um lado foi ambicioso e arriscado pedir aos jovens logo no primeiro dia que expressassem mais do que uma emoção num mesmo exercício, por outro lado, como as propostas eram apresentadas com exemplos de situações muito concretas, eles aderiram muito bem, conseguindo expressar cada emoção com todo o corpo, através do movimento, do ritmo e da expressão facial.

*A criança, partindo do real (sensorial) do seu corpo, entra na latência pela via do imaginário, acedendo ao simbólico pela utilização dos processos dramáticos e narrativos e pela sujeição às regras e leis exteriores a si mesmas. (...) Com efeito, os temas que atravessam os jogos, ao constituírem-se como continente do pensamento sensoriomotor, permitem articular acção e pensamento, numa interacção específica entre o real do corpo imaturo da criança, a mobilização do imaginário (pela fantasia) e a submissão deste à ordem simbólica (regras, leis e linguagem). (Sá, 2003, p.194)*

Os jovens demonstraram muito prazer a fazer estes exercícios. Parecem conseguir, através do jogo simbólico, criar um mundo imaginário, onde tudo é possível e onde são eles que detêm o poder.

Terça-feira começou com um aquecimento com exercícios de consciência corporal, respiração, confiança, alongamento, coordenação e escuta. No início do trabalho de expressão, falamos sobre a paleta de cores que cada um de nós tem dentro de si - umas mais escuras, outras mais claras - e explicamos como podemos associar as cores mais escuras a sentimentos e emoções mais negativas, como a Tristeza, a Cólera, o Medo, e as cores mais claras a sentimentos e emoções mais positivas como a Alegria, a Admiração e a Euforia.

Escondendo-se atrás do pano preto que se encontrava ao fundo do palco, cada um deveria escolher uma cor e aparecer à frente do pano, expressando uma emoção correspondente a essa cor, olhando sempre em frente.

O mais difícil para os jovens é apresentarem-se com a emoção que buscam e encontram dentro de si, ao invés de mostrar uma caricatura da emoção. Mais uma vez destacámos a importância da respiração durante o exercício para se concentrarem e para conseguirem encontrar a emoção no seu interior.

Depois repetiram o mesmo exercício mas, desta vez, dois a dois, aparecendo um de cada lado do pano preto e cada um expressando uma cor diferente.

Nesta altura já era fácil perceber os jovens que tinham mais à vontade na realização dos exercícios de expressão. Um dos rapazes que já tinha participado no estágio de criação da Academia, apesar de muito confiante na realização dos exercícios, apresentava alguns “vícios” que não lhe estavam a permitir estar realmente presente quando estava em cena. Parecia ter já formatado uma maneira para fazer cada exercício, recorrendo a máscaras (expressões exageradas) para cada emoção. Por outro lado, um outro jovem, também repetente, demonstrou um crescimento muito grande, sobretudo na maturidade demonstrada na forma de estar. Em 2013 era um jovem inquieto, incapaz de estar imóvel em cena, e de se concentrar o suficiente para expressar uma emoção com verdade. Desta vez estava um jovem muito mais sereno, consciente das suas dificuldades, mas decidido a dar o seu melhor.

Em momentos de pausa, este jovem confidenciou-me que “a Academia do verão passado”, mudou a sua vida. Tornou-o mais respeitador dos outros e mais confiante nas suas próprias capacidades. Este ano estava de volta porque tinha a certeza que lhe fazia “muito bem”. Também os pais já me haviam confidenciado que depois da experiência da Academia ele se tornara um jovem mais disponível ao diálogo, mais calmo, mais participativo nas tarefas comuns e com uma notória melhoria no aproveitamento escolar.

Dois a dois, atrás de uma mesa coberta com um pano, os jovens deviam combinar uma cor e aparecer com a expressão correspondente. Já erguidos, olhavam um para o outro, procuravam intensificar ainda mais a cor e se surgisse naturalmente fazer algum gesto estabelecendo uma relação com o outro.

Por último, com três de cada vez atrás da mesa, deviam aparecer e desaparecer quatro vezes: na primeira vez todos expressam uma cor escura; na segunda todos expressam uma cor clara; na terceira uma emoção indicada por nós; e na quarta vez, cada um podia fazer uma emoção à sua escolha. Neste exercício (os Pistons) cada um deve subir e descer num ritmo fluido, sem hesitações e sem ser brusco.

Impossível deixar de destacar a “beleza” e intensidade, a Presença<sup>8</sup>, da rapariga mais jovem (com apenas sete anos) que nos emocionava em cada exercício, pela forma simples e genuína com que expressava cada emoção. Parece que o crescimento nesta idade vem acompanhado de uma progressiva necessidade dos jovens se esconderem e esconderem os seus sentimentos e emoções. Por isso os mais velhos (12/13 anos) acabam por ter mais dificuldade, e ao mesmo tempo são o “alvo” ideal para este tipo de trabalho, na medida em que este tipo de experiências pode ajudá-los muito a não se esconderem de si mesmos, pelo contrário, conhecerem, aceitarem e serem capazes de mostrar ao outro um pouco mais de si.

*E é na sua espontaneidade expressiva que a criança, pouco a pouco, revela os seus afectos, com os meios expressivos de que dispõe, gestos, sons, linguagens, e a sua vida afectiva se enriquece num relacionamento com outrem, com o mundo. (...) Fá-lo, pois, como quem joga com seriedade, e se mostra aos outros em comunicação, com ânsia de sociabilidade. (Santos, 1999, p.35)*

Depois de mais uma manhã de aquecimento e jogos dramáticos, a tarde de quarta-feira foi preenchida com mais uma série de exercícios de expressão.

Francisco afirma para os jovens que “um ator é um desportista da emoção e a respiração é um grande auxílio.”

---

<sup>8</sup> Quando, neste relatório, uso o termo Presença (com maiúsculas) refiro-me ao conhecimento e domínio sobre o corpo no espaço, à relação entre o corpo e espaço que se concretiza sob o olhar do outro do qual se tem a consciência de estar ali para o observar. Esta Presença pressupõe disponibilidade e uma espécie de neutralidade (afastamento de vícios e estereótipos) atenta e energética.

Num exercício que juntou equilíbrio, confiança, presença e expressão, cada jovem tinha que atravessar o palco do fundo até à frente, encontrando pelo caminho três cadeiras que deviam subir e descer, uma a uma, sem nunca retirar o olhar do público. Chegando à última cadeira, sentavam-se e diziam “Ufa, consegui.” Depois repetiam o mesmo percurso para trás, de costas.

Ainda desta tarde, destaco o exercício sobre o sentimento da Cólera. Com uma mesa ao centro, um a um, avançavam para trás da mesa, inspiravam, batiam com as mãos na mesa e diziam “Calem-se. Saiam daqui.”, e apontavam com um braço em frente. Para a realização deste exercício, os rapazes, mesmo os mais reservados, “atropelaram-se” uns aos outros para serem os primeiros. Pareciam ter uma grande vontade/necessidade de demonstrar que eram capazes de expressar aquela emoção que normalmente lhes é castrada. Por outro lado, duas raparigas (uma delas a mais nova), não quis fazer o exercício. Provavelmente por considerarem “feio” ou “incorreto” e terem mais dificuldade, neste caso, de se distanciarem da realidade. Houve ainda dois casos dos jovens mais velhos (um rapaz e uma rapariga) que ao realizarem o exercício, se emocionaram, mostrando com grande intensidade, mas numa espécie de catarse, a emoção correspondente. Nesta situação, não era nosso objetivo tentar perceber o porquê daquele fervilhar de emoção; se a memória de uma situação similar; se uma forte vontade de ter aquela atitude num contexto real e não ser capaz. Competia-nos apenas oferecer aquele espaço e estar ali com eles, para que tivessem a confiança de estar seguros perante qualquer um de nós que os observava.

Na manhã de quinta-feira, apresentamos aos jovens o texto que íamos trabalhar, lendo o texto em voz alta e dizendo-lhes a proposta de distribuição de personagens. Pedi-lhes que tentassem evitar o impulso de perceber a importância da sua personagem na estória, pois o mais importante seria o trabalho que iríamos desenvolver para levantar as cenas. Queria que mais do que decorar o texto, conhecessem muito bem a estória para podermos trabalhar sobre ela.

A partir daquele momento tinham a tarefa de aproveitar os momentos de pausa para se ajudarem mutuamente a decorar as frases que lhes tinham sido atribuídas.

Ao início da tarde, fizemos uma leitura ainda sentados, mas lendo já o texto correspondente à sua personagem. Depois demos continuidade ao trabalho de expressão, com um exercício muito intenso, denominado “A prenda partida”. Cada um avança desde o fundo do palco, como se segurasse uma prenda nas mãos. Vai até à frente, pára e ao ouvir uma forte palma (executada por um dos adultos), a prenda cai no chão, como

se a pessoa a quem ia oferecer a prenda, a tivesse atirado para o chão. Olham para a prenda partida no chão e neste momento a expressão deve mudar bruscamente de uma cor clara (a alegria e o entusiasmo de ir oferecer uma prenda) para uma cor escura (o susto, a desilusão, a tristeza). Depois recuam sempre a olhar em frente e dizem “Era para ti.”

Os dias de sexta-feira e sábado foram dedicados ao trabalho das pequenas cenas coletivas e dos momentos de contracena. Os jovens ficaram muito entusiasmados desde a entrega do texto no dia anterior e decoraram rapidamente o seu papel, facilitando muito o levantamento das cenas. Com a adaptação que fizemos, a encenação da estória para apresentar no Domingo foi pensada para ter cerca de vinte minutos.

Em cada cena fomos ajudando cada jovem na construção da sua personagem e fomos salientando as emoções pelas quais passavam nos diferentes momentos da estória. Foi um processo muito tranquilo no qual os jovens demonstraram muita confiança e acima de tudo muito prazer.

A maior parte deles tinham naturalmente dificuldades na articulação e projeção das palavras e por isso esse foi também um aspeto que trabalhamos com eles nestes últimos dias.

Reunimos alguns adereços improvisados para enriquecer as personagens e a estória e desafiamos-os a estarem sempre presentes (sentados nuns bancos laterais) mesmo quando a sua personagem não intervinha na cena. O público veria, assim, a passagem de um estado “neutro” para a interpretação da sua personagem.

No Domingo, último dia do estágio, fizemos dois ensaios, um com paragens e outro corrido. Depois do almoço, fomos recebendo os familiares que chegavam ansiosos por perceber o que os jovens tinham estado a fazer durante aquela semana. Os pais, irmãos, tios, primos e avós emocionaram-se e expressaram muita alegria e espanto ao verem os jovens em cena. Nalguns casos percebeu-se que consideravam muito improvável que o seu educando fosse capaz de se concentrar, coordenar e representar com aquela confiança, demonstrando uma espécie de incredulidade, questionando-nos quanto tempo havíamos trabalhado aquela apresentação com eles.

Mas o aspeto predominante, para mim, foi a expressão de alegria e conquista, principalmente dos jovens mais inseguros. Estavam felizes por terem passado por aquela experiência e muito felizes por terem sido capazes de mostrar ao público um pouco mais de si, mostrando conseqüentemente a transformação que viveram durante aquela semana, através do Teatro.

## 1.5 - Observação do Estágio de Expressão Teatral na Bélgica

Depois da Academia realizada em Portugal, percebi que seria importante assistir ao trabalho realizado pela equipa fundadora, no seu formato e ambiente normais. Tinham várias edições já calendarizadas, umas em França outras na Bélgica, pelo que me propus a observar o estágio agendado para a semana de 3 a 7 de Março de 2014, em Mozet, na Bélgica.

Quando cheguei a Mozet, desde logo percebi que era um lugar particularmente propício a uma experiência de formação em modo de estágio/retiro. É neste lugar<sup>9</sup> que a Academia realiza todos os anos vários destes estágios, para jovens que nunca tiveram contato com o Teatro, recebendo também jovens que já frequentaram o mesmo estágio em edições anteriores e querem repetir a experiência.

Mozet é uma pequena aldeia rodeada de uma vasta e bela vegetação que naturalmente convida os jovens à abstração do ambiente citadino quotidiano.

O estágio teve início a 3 de Março de 2014, uma 2ª feira. Os jovens foram chegando com os respetivos familiares durante a manhã. Foram-se instalando, carregando as suas malas para os quartos. Ao chegar o final da manhã já estava todo o grupo reunido, à exceção de uma jovem que havia adoecido e só chegaria no dia seguinte.

O primeiro encontro na sala de “trabalho” (como os jovens a nomearam) serviu para todo o grupo se conhecer e para se apresentarem as “regras do jogo” para toda a semana. A mais jovem tinha apenas 7 anos e a mais velha com 12 anos, já era a 4ª vez que participava numa formação da Academia (tendo sido uma delas na Academia em Portugal em 2013). Entre franceses e belgas, tínhamos um grupo de 10 jovens: 3 raparigas e 7 rapazes. Não se conheciam e provinham de realidades sociais e familiares bem distintas. Também os adultos se apresentaram: Christine (uma das fundadoras da Academia), que seria a formadora; duas jovens monitoras que frequentaram várias formações da Academia e uma monitora voluntária da associação *ATD Quart du Mond*.

---

<sup>9</sup> *Domaine de Mozet* é um espaço com alojamento, salas e espaços exteriores que acolhe diversos tipos de eventos, formações, retiros, etc. (mais informações em [www.mozet.be](http://www.mozet.be))

Depois das apresentações a prioridade foi expor as principais “regras do jogo”:

- não trocar do outro (assim cada um terá a confiança de que ninguém vai gozar consigo);
- escutar e observar;
- se houver conflitos, resolve-los conversando.

*Os jogos teatrais reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realize, mas necessitam de liberdade criativa para que o jogo não se transforme em servil obediência. Sem regras não há jogo, sem liberdade não há vida. (Boal, 2005, p. 16).*

Christine falou um pouco sobre a história da Academia e explicou que ao contrário do formato maior de três semanas da Academia que tem como objetivo principal a criação de um espetáculo, este estágio de expressão de uma semana pretende proporcionar a cada um a descoberta da expressão de um sentimento/emoção e da Presença de cada um no palco/espço cénico.

Todo o grupo estava muito entusiasmado e motivado com a sua participação neste estágio.

Depois do almoço, o grupo foi fazer um passeio a pé aproveitando a incrível paisagem daquela zona. No regresso todos foram direitos à “sala de trabalho” onde se realizou um aquecimento iniciado com exercícios de relaxamento e respiração, seguido de exercícios de postura corporal, equilíbrio e orientação no espaço.

De seguida o grupo colocou-se sentado naquele que se estabeleceu ser o espaço do público/plateia. Antes do primeiro exercício, Christine fez uma pequena introdução na qual explicou a presença dos dois projetores de luz que serviriam para os iluminar e destacar tudo o que eles fizessem quando estivessem no espaço cénico/palco. Abordou a questão dos filtros que com diferentes cores nos permitem criar diferentes ambientes. Ensinou ainda o nome dado a cada um dos lados do palco (Jardín e Cour), deixando claro qual seria a área considerada Palco, em que estariam visíveis para o público e quais as zonas (corredores laterais) por onde entrariam para cada exercício e nas quais poderiam agir como se o público não os estivesse a observar. Foi perceptível a mudança do ritmo do grupo, numa mistura de excitação com nervosismo, a partir do momento em

que, após terminar o aquecimento, se ligaram os projetores: o Teatro ia começar, e seriam eles os “protagonistas”.

Os exercícios que se seguiriam seriam individuais e era de suma importância a concentração de todos os que estão a observar (relembrando as regras apresentadas de manhã). No primeiro exercício o desafio era aparentemente simples. Teriam que, sozinhos, percorrer a zona não visível até ao fundo do palco, aproveitando este percurso para se concentrarem. Depois atravessar o fundo do palco até meio, virar-se de frente para o público e olhar cada pessoa nos olhos, um a um. De seguida, avançar a olhar para o público e a sentir a luz cada vez mais forte. Parar, respirar, sorrir e dizer: “Bom dia. Eu sou o (seu nome) e estou contente de estar aqui à vossa frente.” Recuar de costas até sentir que chegou ao fundo, voltar a olhar para todos e dizer, desta vez alto: “Hei, eu sou o (seu nome)!” Atravessar o fundo do palco e sair pela lateral.

No final deste exercício, os jovens comentavam que a luz era realmente forte e que os fazia sentir um pouco mais nervosos ao estarem ali, à frente de todos. Sem perceberem, cada um deles mostrou muito de si naquele simples exercício. A maior parte varria os olhares do público, não sendo capazes (ainda) de pousar o olhar em cada um quer fosse por ansiedade em executar rápida e corretamente todos os passos do exercício ou por timidez. Toda a atitude corporal era deveras reveladora para quem observava: a dimensão e ritmo dos passos, a inclinação da cabeça, a tensão nos ombros. Um dos rapazes, muito confiante, começou o exercício com um caminhar meio “gingado”, mas demonstrou dificuldade em se orientar no espaço. Repetiu o exercício com a indicação de tomar mais consciência da sua respiração e de não ter pressa. Aliás, quase todos repetiram, não como uma correção mas como uma outra oportunidade de experimentar. Um outro jovem, com traços orientais, fez todo o exercício com o seu corpo hirto/tenso, aparentando quase uma atitude militar apesar da sua pequena estatura. Principalmente as suas mãos se destacavam pela rigidez e crisão. Parecia quase não respirar. Pelo contrário, uma das raparigas, a mais jovem realizou o exercício com simplicidade e leveza demonstrando um equilíbrio e controlo corporal superior e apesar da timidez olhou cada um, olhos nos olhos.

Este exercício, em que lhes era pedido para simplesmente estarem ali em frente aos outros e quase não fazerem nada, demonstrou-se complexo e polivalente, trabalhando o reconhecimento do espaço, a confiança no grupo e a Presença.

Depois do lanche, Christine explicou aos jovens que nos exercícios seguintes iriam trabalhar com as suas emoções e que dentro de cada um deles existem diversos sentimentos/emoções que são como um “tesouro”. Pediu-lhes que procurassem fazer os exercícios com simplicidade e que tentassem não recorrer a um “personagem”: apesar de cada emoção lhes ser sugerida externamente (pelo formador), cada um deve procurá-la no seu interior.

No espaço cénico estão dispostas em diagonal três cadeiras: uma ao fundo do palco do lado direito, outra ao centro e outra muito próxima do público, do lado esquerdo. Nos dois exercícios seguintes, cada um teria que percorrer as três cadeiras e nesse percurso experimentar diferentes graus de uma mesma emoção: no primeiro a Alegria e no segundo a Tristeza. Mais uma vez, foram desafiados a olhar em frente, mas desta vez, podiam escolher um ponto aleatório em vez de olhar nos olhos de alguém.

Para experimentar a Alegria começavam por ficar de pé atrás da primeira cadeira (ao fundo), procurar a emoção da Alegria, sentar-se na cadeira, respirar e dizer “Tudo bem.” Levantam-se quando quiserem e vão até à segunda cadeira (ao centro), onde vão procurar um nível mais elevado/intenso desta emoção e quando se sentam dizem “Estou muito bem”. Voltam a levantar-se e caminham até à terceira cadeira (à frente) onde devem procurar a Alegria no seu expoente máximo e dizer “Estou mesmo muito bem”. Levantam-se, caminham até se colocarem atrás da cadeira ao centro, olham o público e perguntam: “E tu, estás bem?”

Fizeram o mesmo percurso para experimentar diferentes graus da Tristeza dizendo respetivamente as frases: “Tudo bem”, “Não estou muito bem” e “Não estou mesmo nada bem”.

Foi recorrente os jovens fazerem uma espécie de caricatura, em particular no exercício da Tristeza. Christine pediu-lhes que procurassem essa emoção verdadeiramente dentro de si, com simplicidade. Alguns ficavam particularmente desconcentrados quando ocupavam a última cadeira, pois procuravam um exagero tal da emoção que se riam deles próprios. Mais uma vez foi-lhes explicada a importância da respiração neste tipo de exercícios e de cada vez que repetiam com esta indicação, eram muito visíveis, para todos, as diferenças na qualidade da Presença de quem o fazia.

Ainda nesta tarde fizeram mais dois exercícios em que teriam que imaginar situações mais específicas. No primeiro, fazendo um determinado percurso, imaginaram um encontro entre duas pessoas que não se conhecem: durante a aproximação pensam “quem é esta pessoa?”, aproximam-se lentamente, apresentam-se (“Olá, eu sou o ..., e tu?”) e despedem-se. No segundo, novamente seguindo uma espécie de roteiro (marcações) no palco, imaginavam que num determinado local estava um bebé a dormir. Aproximavam-se lentamente para conseguirem observar mais de perto o bebé, fazendo crescer o sentimento de encantamento, parar a olhar, e ao recuar pé ante pé dizer “shh, o bebé está a dormir”.

Depois de explicar cada exercício, Christine ou uma das monitoras exemplificavam sempre. Os jovens manifestavam particular agrado e concentração neste momento, como se estivessem a assistir a um espetáculo e isso estimulava-os a entregarem-se verdadeiramente em cada exercício.

O segundo dia começou com tranquilidade às 9h30 na sala de trabalho com um aquecimento corporal. Depois da excitação do primeiro dia, os jovens estavam notoriamente mais focados e disponíveis.

Fecham-se as janelas, acendem-se as luzes de teatro e Christine apresenta o primeiro exercício do dia que chamou de “Exercício da Flor”. Este, acompanhado por uma música, ainda não incide sobre nenhuma emoção em particular mas retoma a questão da orientação corporal no espaço, e da Presença. Numa secção do percurso do exercício tinham que recuar de olhos fechados e acabavam, em alguns casos, a fazer uma diagonal quando deveriam caminhar a direito. Seguiu-se ainda um outro exercício de uma espécie de equilibrismo, em que tinham que fazer um trajeto a andar por cima de mesas, subindo e descendo sem baixar o olhar.

O exercício seguinte foi sobre a questão da Autoridade: chamava-se “O Chefe”. Com uma mesa ao centro, individualmente, começavam de costas ao fundo, viravam-se com um olhar sério avançando até à mesa com o olhar na direção do público. Chegando à mesa, posavam a mão esquerda na mesa, inspiravam profundamente, levantavam a mão direita que batia com força na mesa e diziam com voz forte: “Silêncio! Quem manda aqui, (apontar com a mão direita para o peito) sou eu. (posar as duas mãos na mesa) Percebem?”. Tudo isto olhando sempre o público de frente e depois saíam por trás.

A primeira dificuldade neste exercício, prendia-se com conseguirem lembrar-se de todas as pequenas marcações de articulação de gestos e palavras. Depois víamos frequentemente os jovens recorrerem ao grito para falar com autoridade.

De seguida foi proposto um exercício para descobrirem o sentimento Cólera. Com a mesma mesa ao centro, avançar até à mesa, apontar com um braço na direção da porta e dizer: “Sai. Desaparece. Nunca mais te quero ver”.

Foram muitos os pormenores sobre os quais refleti acerca destes dois exercícios (o da Autoridade e o da Cólera). A menina mais jovem, que até agora tinha executado todos os exercícios com à-vontade, não quis fazer estes dois exercícios. Por outro lado, todos os outros, principalmente os que já tinham demonstrado alguma indisciplina, “correram” para executar estes exercícios.

As crianças mais problemáticas a nível de comportamento, parecem ter um prazer superior a fazer os exercícios que reportam às emoções mais agressivas. Mas na verdade revelam-se momentos muito intensos, em que os jovens se surpreendem durante o próprio exercício. Parecem lançar-se apressadamente prevendo-se uma execução descontrolada, mas na verdade aquele acaba por ser um momento privilegiado em que reconhecem emoções/situações difíceis mas de uma forma protegida, controlada. Funciona mesmo como uma espécie de catarse.

Por outro lado, as crianças mais novas, as raparigas e, no geral, os que são mais disciplinados e calmos, demonstram dificuldade nestes exercícios por receio, parece-me, de reconhecer que esse tipo de emoção existe também dentro deles. É como se tivessem vergonha de expressar algo que reconhecem como errado e negativo, tendo dificuldade de afastar-se da realidade e lembrarem-se que, na verdade, é Teatro.

Christine orientou um a um, dando indicações particularmente, e destacou que mostrar uma emoção ao público é como oferecer uma “prenda”, é uma generosidade.

Depois do almoço e de um agradável passeio pelo bosque, foi uma tarde intensa de trabalho de expressão de emoções: Gula, Encantamento (Espanto), Admiração (por alguém), Desprezo, Tristeza e Alegria.

No exercício de expressão da Gula, os jovens tinham que subir a uma cadeira e imaginar que tiravam de um armário uma caixa com bombons. Deviam diferenciar

física e emocionalmente cada momento. Primeiro o olhar na direção da caixa, depois o subir à cadeira e alcançar a caixa, olhar para o interior da caixa vendo os bombons, tirar um bombom e comer, mostrando o prazer ao saborear/mastigar o bombom. No final dizer: “Hmm, é muito bom!”.

Para expressar o Encantamento, Christine pediu aos jovens que ao avançarem lentamente no palco vazio, imaginassem que tinham à sua frente uma paisagem maravilhosa. Quando chegavam à frente paravam e diziam: “Que bonito!”

Nestes exercícios, algumas crianças recorriam a um tipo de expressão exagerada. Particularmente, no caso do Encantamento, tinham dificuldade provavelmente em imaginar uma imagem específica que lhes pudesse provocar essa emoção. Nalguns casos, faziam expressões que pareciam a todos uma máscara ou uma personagem quase grotesca.

Num outro exercício deviam expressar a Admiração por alguém que está à sua frente, avançando desde o fundo do palco num crescente dessa emoção e ao chegar à frente, erguer os braços na direção dessa pessoa e dizer: “Tu és formidável.” Neste caso os jovens tiveram dificuldade em distanciar-se das pessoas que estavam realmente à sua frente, o que acabou por transformar o exercício numa espécie de distribuição de prémios de uns para os outros, ao escolherem para quem iriam olhar e dizer aquela frase.

Seguiu-se o sentimento de Desprezo. Cada um devia olhar em frente com um olhar de superioridade para alguém que considera não ter valor nenhum e depois de parar, virar-se de lado, cruzar os braços e dizer: “Avança, imbecil. Pff.”

Mais uma vez, como nos exercícios da Cólera, foi necessário reforçar que é apenas Teatro. E mais uma vez os rapazes mais rebeldes faziam estes com muito entusiasmo. Pareciam experimentar uma espécie de sentimento de conquista, agarrando a oportunidade de poderem expressar algo que geralmente lhes é reprimido.

No exercício seguinte, Christine apresentou uma situação específica em vez de nomear apenas a emoção em causa: pediu-lhes que imaginassem uma época em que as tragédias naturais provocavam morte de famílias e muita fome. Cada um teria que se por no lugar de alguém que tem irmãos mais novos para cuidar e quer/precisa levar pão para casa para os alimentar, sabendo que se não conseguir será dramático. Cada jovem

tinha então que avançar desde o fundo do palco, já com a expressão do sofrimento, parar à frente, esticar o braço direito com a palma da mão para cima e dizer “Meu senhor, dê-me um pão por favor. É para os meus irmãos.” Depois de perceber que não vai receber nada, descer o braço lentamente, reagir a esse momento, expressando a emoção correspondente e sair.

Após observarem os colegas, os jovens foram capazes de comentar se parecia “verdade” ou “fingido”. Começaram a perceber a potencialidade da expressão das emoções que quando não é apenas fabricada comunica com o espectador provocando também nele alguma emoção.

Para finalizar este segundo dia de trabalho, cada jovem foi convidado a refletir sobre a frase “Eu sou feliz quando...”. Tiveram que escolher apenas uma coisa para dizer e expressar em cena. Em geral disseram ser felizes quando fazem teatro, quando estão com os amigos, quando brincam.

Ainda antes de abandonar a sala de trabalho, cada um disse em círculo o que descobriu nesse dia. O mais mencionado foi a descoberta da diferença entre fingir uma emoção e expressar uma emoção verdadeira.

O terceiro dia de trabalho começou com um aquecimento em que se abordou um pouco sobre os diversos órgãos do nosso corpo, com especial ênfase para os órgãos do sistema respiratório. Fizeram vários exercícios para trabalhar a dicção, a articulação e a projeção de palavras.

Com uma mesa ao centro, coberta com um pano preto, foi apresentado um dos exercícios mais característicos da Academia, denominado *Pistons*. Um a um, cada jovem vai esconder-se atrás da mesa e quando estiver pronto vai aparecer (erguendo o corpo por trás da mesa) três vezes: na primeira e terceira vez expressando Alegria e na segunda expressando Tristeza.

Nesta fase do estágio, já os jovens demonstram uma consciência maior da necessidade de procurarem cada emoção num movimento que parte do interior de cada um. Na grande maioria dos casos, os jovens já conseguiam com o seu olhar, permitir que cada um de nós que os observávamos, entrássemos no seu interior. É verdadeiramente através do olhar que cada um mostra o que se passa consigo.

Christine falou um pouco mais sobre a capacidade que todos têm de sentir todas as emoções humanas e que ao mesmo tempo, todos temos a liberdade de decidir se queremos procurar sentir uma determinada emoção ou não, pois esse direito constitui a dignidade de cada um. O convite é de oferecer cada emoção (mesmo as mais negativas) como uma coisa bonita. Cada um oferecer “a sua alegria”, não uma imitação do que pensa ser a alegria, não usar uma espécie de máscara. É procurar no mais profundo de si, a sua alegria (por exemplo) e mostrar essa alegria única e particular.

A sequência do exercício é muito simples: sobem muito lentamente sempre a olhar em frente, mostrando primeiro só os olhos por trás da mesa, depois todo o rosto e depois todo o tronco. Mais uma vez foi lembrada a importância de uma boa respiração para conseguir expressar a emoção verdadeiramente, sem crispação.

Na sequência dos três momentos (Alegria, Tristeza, Alegria) no exercício dos Pistons, os jovens comentaram que a segunda Alegria era diferente da primeira porque tinha passado imediatamente antes pela Tristeza. Percecionaram isso ao fazerem e ao observarem os outros.

Depois de todos fazerem individualmente, o exercício dos Pistons realizou-se em grupos de três elementos, desta vez com música. Cada jovem podia agora escolher quatro emoções diferentes para expressar. Olhando sempre em frente, os três jovens subiam e desciam por trás da mesa, quatro vezes, para expressar as quatro emoções que escolheram (Curiosidade, Encantamento, Medo e Cólera, por exemplo).

Todo o grupo se divertiu muito a observar este exercício, pois em cada grupo de três, eram expressadas simultaneamente emoções contrastantes e outras vezes muito similares. Era como se por fugazes instantes aparecessem quadros em que podíamos imaginar múltiplas situações.

Depois do almoço, Christine contou a todo o grupo a fábula “A Lebre e a Tartaruga”. Dividiu todo o grupo em três pequenos grupos e desafiou-os a prepararem uma pequena representação a partir da fábula que escutaram. Com cada grupo ficou um adulto disponível para os ajudar caso eles solicitassem, mas o objetivo principal era de permitir a cada grupo organizar-se improvisando e criando entre si. Passados cerca de trinta minutos, cada grupo apresentou o seu trabalho.

O exercício seguinte remetia a uma situação concreta entre duas pessoas. Uma pessoa está sentada numa cadeira que se estipula ser um banco de jardim, e está à espera de um amigo que está atrasado. Observa o lago, os patos, os pássaros, crianças que brincam, as flores. Entretanto a outra pessoa vem por trás pé ante pé para surpreender o seu amigo. Quando chega atrás do banco, tapa os olhos do amigo com as mãos e diz “Cu-cu!” Depois podiam estabelecer um pequeno diálogo a partir daquela situação e saiam os dois. Em cada improvisação, pudemos ver várias formas diferentes de reagir à situação: uns riam-se, outros assustavam-se, outros zangavam-se. O mais curioso, e que os jovens já eram capazes de distinguir e verbalizar, foi perceber quando eles decidiam antecipadamente qual a reação que iriam ter na sua vez e quando é que, pelo contrário, conseguiam deixar que durante a improvisação descobrissem a emoção e reação. Desta vez tinha que haver uma escuta entre os dois elementos. E para haver contracena, e para que o público vivesse aquela situação, não podiam impor nada ao outro. Era necessário que se escutassem bem, com generosidade.

Numa outra improvisação, desta vez individual, cada um devia pensar numa novidade a comunicar (boa ou má). Deviam avançar desde o fundo do palco, à frente dizer a novidade e depois sair. Uma dificuldade foi a de expressar a emoção correspondente à novidade que vão dizer, antes, durante e após falarem. Em alguns casos avançavam na excitação do que sabiam que iam dizer quando chegassem à frente e só enquanto falavam conseguiam expressar a emoção correspondente. Mas muitos já conseguiram concentrar-se e fazendo a interpretação surgir do interior, fazer o exercício do princípio ao fim com seriedade.

No final deste dia, todos os jovens foram capazes de dizer que aprenderam a “escutar o outro em cena” e também que aprenderam “o nome de novas emoções”.

No quarto dia de estágio, Christine propôs uma improvisação em grupo de uma cena de despedida num navio que vai partir para muito longe sem certezas quanto à possibilidade de regresso. Os jovens passaram por um momento inicial de expressão de encantamento ao ver um navio com grandes dimensões, depois a expressão da emoção de ver um familiar (pai, irmão...) que vai ficar em terra e despedir-se dele acenando, e por último com o navio a afastar-se expressar o sentimento de já não conseguir ver mais esse familiar e não saber quando isso voltará a acontecer.

Depois também em pequenos grupos de três ou quatro, imaginar que tinham passado sete meses e que, desta vez sendo os familiares que ficaram em terra, iam todos os dias da última semana, até ao porto ao final do dia olhar o horizonte na esperança de ver o barco regressar. Expressar inquietude e incerteza, depois avistar ao fundo um barco, expressar ansiedade e o medo do seu familiar não estar naquele barco. O barco vai-se aproximando, cada um consegue finalmente ver o seu familiar no barco, expressa essa alegria e recua com essa alegria.

Foi muito emocionante ver a entrega de cada um neste exercício, tendo demonstrado já um grau mais elevado de qualidade do trabalho.

No período da tarde, pegando na improvisação feita de manhã, Christine apresentou três pequenos quadros/situações de uma estória agora já com personagens definidos: um capitão, quatro ajudantes, e uma pequena família (pai, mãe e filha).

As personagens foram distribuídas e recebidas com simplicidade e começaram a trabalhar pequenas cenas em que contavam uma pequena estória com muito poucas frases, trabalhando acima de tudo o movimento e as expressões.

Na primeira cena, os ajudantes coordenados pelo capitão, puxam as cordas, enrolam-nas e içam as velas. A família acena despedindo-se das pessoas que ficam em terra. Na segunda cena, a pequena filha está doente ao colo da mãe; o capitão escreve no seu diário de bordo preocupado com o rumo daquela embarcação; os ajudantes jogam às cartas e estão também preocupados com a viagem. Na terceira e última cena a família e os ajudantes estão a dormir, o capitão está ao leme quase a adormecer e de repente um ajudante no alto do mastro começa a avistar terra. Todos acordam e avistam felizes a aproximação do navio ao porto.

Durante toda a tarde trabalharam-se as três cenas. Os jovens aprenderam rapidamente as marcações e com a ajuda dos adultos foram ensaiando as cenas, trabalhando sobretudo a articulação e projeção das pequenas frases que cada um tinha de dizer.

Na manhã do quinto e último dia do estágio todos ajudaram a preparar o Salão Grande onde se fará a apresentação para os familiares, às 18h. Transportar e montar os projetores, definir o espaço cénico, providenciar alguns adereços. Para a apresentação, define-se ainda uma seleção/sequência de alguns dos exercícios feitos ao longo dos

vários dias. O último exercício apresentado será o dos Pistons, em três grupos de três, seguido da encenação da estória no Navio.

Apesar de este estágio ter como principal preocupação a experimentação através de exercícios, da expressão, é muito importante para os jovens este momento final de apresentação que, para os pais, familiares e amigos, é uma forma de perceberem um pouco daquilo que os seus educandos estiveram a fazer durante aqueles dias, e para os jovens é um desafio conseguirem mostrar o que são agora capazes de fazer.

Como é comum nestas situações alguns jovens estavam muito nervosos antes da apresentação, na grande maioria dos casos nem tanto com receio de se esquecerem do que tinham que fazer, mas com uma grande preocupação de saber se os pais/educandos iriam conseguir chegar a horas, no fundo se iriam lá estar aqueles a quem eles queriam oferecer aquela prenda.

A apresentação correu muito bem e no final era notória a alegria da conquista espelhada nos olhos de todos os jovens. Assim como nos olhares de surpresa de alguns pais que durante a apresentação se espantavam com alguns momentos, parecendo não reconhecer esta ou aquela expressão nos “seus” jovens.

Foi uma experiência muito rica para mim como observadora, não só para conhecer melhor a metodologia aplicada pela equipa da Academia, como para refletir sobre a abordagem da temática das emoções e sua repercussão na forma de estar dos jovens. No final de cada dia, quando os jovens iam dormir, a equipa de adultos reunia para fazer um balanço do dia, comentar conflitos, e projetar o dia seguinte. Era frequente refletirmos sobre a mudança progressiva de atitude dos jovens, ao longo do processo de aprendizagem no estágio. Alguns jovens mais problemáticos que inicialmente mostravam muita dificuldade de interação com os outros jovens e com os adultos, foram encontrando um equilíbrio que penso dever-se a uma base de confiança que se foi construindo dentro da sala de trabalho.

O facto de os jovens irem percebendo que não precisavam esconder-se atrás de máscaras e “truques”, serem capazes de mostrar zonas emocionais que normalmente escondem dos outros, foi criando uma linguagem comum, uma sensação de conforto, no fundo, uma confiança muito forte no que estavam ali a fazer.

Perceberam que não estiveram ali para virem a ser atores de profissão. Ao invés, chegaram ao final do estágio a conhecerem-se melhor, a aceitarem-se melhor, a respeitarem mais o outro, e conseqüentemente a viver melhor, no meu ponto de vista, a serem mais felizes<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo o filósofo Clément Rosset, “a finalidade da educação é conduzir cada indivíduo a alcançar mais felicidade.” (Kechikian, 1993, p.65)

## CAPITULO 2

### O CLUBE DE DRAMA DA ESCOLA PAULA VICENTE

#### 2.1 - Contexto dos Clubes

Os Clubes da Escola Paula Vicente, são atividades direcionadas para a Ocupação dos Tempos Livres dos alunos do 2º Ciclo e procuram de uma forma produtiva e enriquecedora do currículo dos alunos, promover a motivação pela arte, ciência e desporto. A Junta de Freguesia de Belém, em parceria com o Agrupamento de Escolas do Restelo e com a Academia de Música de Lisboa, é a entidade promotora. Nos Clubes da Escola Paula Vicente, a Junta de Freguesia, em parceria com o Agrupamento de Escolas do Restelo e em articulação direta com a Equipa de Coordenação da EB23 de Paula Vicente, promove, para os alunos do 2º Ciclo, na área artística, os Clubes de Música, Drama, Plástica e Imagem.

Foi a convite de João Martins<sup>11</sup> (com quem já havido constituído equipa de professores de Expressão Dramática num projeto nas escolas de Carnide entre 2008 e 2011) que me integrei neste projeto pioneiro que defende que as expressões artísticas funcionam como motor cognitivo e de construção de identidade e, trabalhadas em grupo, são ainda um forte ativador social e afetivo. Tal como eu, o João Martins, nomeado responsável pela coordenação dos diversos clubes da área artística, acreditava que as expressões são um caminho paralelo à educação formal, ensino, catalisador de aprendizagens e de experiências prazerosas, quando vividas num ambiente lúdico e adaptado ao desenvolvimento de cada um. Qualquer uma das áreas expressivas e da comunicação, verbal ou não verbal, são caminho para um desenvolvimento estético, socio-afetivo e cognitivo saudável.

Este projeto visa desenvolver cada uma das áreas expressivas como um processo individualizado nunca deixando de referenciar a expressão artística como um todo. Especificamente, cada uma das áreas tende a desenvolver aspetos distintos, embora

---

<sup>11</sup> Formador de Expressão Dramática e de Expressão Plástica, coordenador de diversos projetos ligados à Arte e à Educação, faleceu no decorrer da escrita deste relatório.

todas caminhem no sentido da Educação Estética, percepção do mundo exterior e da propriocepção<sup>12</sup>, sendo estas tidas como espaços que privilegiam o desenvolvimento das capacidades perceptivas, expressivas, criativas e socio-afetivas.

## 2.2 – O Clube de Drama

Durante a primeira semana de aulas, todos os alunos da Escola Paula Vicente puderam experimentar aulas abertas dos diversos clubes a fim de se inscreverem nos clubes para os quais ficassem motivados.

Depois de concluído o prazo de inscrições e constituídos os grupos, fiquei responsável por três grupos do Clube de Drama da Escola Paula Vicente: o grupo B, com cerca de dez alunos (45 minutos à 3ª feira + 90 minutos à 6ª feira); o grupo E, com cerca de oito alunos (90 minutos à 2ª feira + 90 minutos à 3ª feira); e o grupo G, com cerca de dez alunos (45 minutos à 2ª feira + 90 minutos à 4ª feira)

Os objetivos gerais traçados para o ano letivo 2013/2014 foram:

- Potenciar a aquisição de competências socio-afetivas e explorar as características lúdicas da Expressão Dramática.
- Estimular e desenvolver a criatividade e a espontaneidade.
- Capacitar os jovens de ferramentas que lhes permitam comunicar e expressar-se com coerência, reforçando a sua autoestima.
- Criar um percurso evolutivo e de crescimento individual e do grupo no espectro artístico e relacional.

---

<sup>12</sup> A *propriocepção*, também chamada de cinestesia, é a capacidade que cada pessoa tem de perceber onde está cada parte do seu corpo, ou seja, a capacidade que permite tocar com o dedo na ponta do nariz de olhos fechados, também conhecida como propriocepção consciente, ou conduzir um carro sem precisar de olhar para os pedais, conhecida como propriocepção inconsciente. A propriocepção indica se as várias partes do corpo estão coordenadas para o movimento que se está a tentar fazer, seja ele caminhar, saltar ou ficar de cabeça para baixo, por exemplo, evitando que se perca o equilíbrio.

Na primeira aula desafiei os alunos dos três grupos a escreverem anonimamente num post-it, quais as suas expectativas em relação ao Clube de Drama. Abaixo enumero as expectativas dos jovens:

1 - “Aprender mais sobre o Teatro. Ter mais concentração. Conseguir adquirir conhecimentos para mais tarde ser ator.”;

2 - “Espero que seja divertido. Espero fazer teatros pequeninos. Espero fazer jogos para melhorar as nossas capacidades no teatro. Espero aprender coisas que nunca pensasse que fosse possível no teatro. Espero acabar o ano a saber muitas coisas a mais do que já sei. Espero acabar o ano a apreciar mais o teatro.”;

3 - “Aprender e crescer.”;

4 - “Termos aulas de teatro e aprender como se representa.”;

5 - “Aprender a representar melhor. Aprender algumas coisas em relação aos teatros. Que corra bem e seja divertido. Fazer um teatro final e que corra bem.”;

6 - “Descobrir e aprender coisas que sei que ainda desconheço.”;

7 - “Não pensar demasiado e descontrair.”;

8 - “Aprender mais sobre mim.”;

9 - “Eu penso que vamos fazer muitos teatros e vamos ser muito conhecidos.”;

10 - “Aprender a representar.”;

11 - “Gostava de ficar a saber mais teatro.”;

12 - “Aprender mais sobre teatro.”;

13 - “Gostava de fazer teatro porque acho que vai ser muito divertido.”;

14 - “Gostava de saber mais sobre como fazer teatro. E também quero fazer um. E saber como as atrizes conseguem decorar as suas falas.”;

15 - “Que haja sempre diversão.”;

16 - “Gostava de aprender a fazer um filme ou um teatro.”;

17 - “Eu gostava de aprender a fazer teatro.”;

18 - “Fazer teatros e filmes.”;

19 - “Gostava que no clube de teatro houvesse disfarces e perucas quando fizéssemos um teatro.”;

20 - “Acho que vai ser muito giro fazer teatro.”;

21 - “Acho engraçado e eu já fiz teatro e gostei e quero aprender mais sobre representar.”;

22 - “Fazer uma peça de teatro.”;

23 - “Aprender a representar e exprimir as emoções e ser feliz.”;

24 - “Gostava de aprender a fazer um teatro e gostava que fosse divertido.”;

25 - “Espero que corra bem e consiga ser menos preguiçosa.”;

26 - “Ser uma pessoa melhor.”;

Fiquei surpreendida com algumas das frases escritas pelos jovens, que mostraram uma especificidade muito particular. Na verdade estas frases/expetativas funcionaram para mim como um guia para ir pensando a metodologia e as dinâmicas mais adequadas para cada aula.

Em particular, as expetativas 8, 23 e 26 vieram reforçar a pertinência do meu objetivo de pôr em prática algumas das técnicas e metodologias inspiradas na pedagogia da Académie Internationale de Théâtre pour Enfants.

## 2.2.1 – Iniciação à Expressão Dramática

*Projectar, no mundo exterior, aquilo que se passa no interior de si é expressar-se. Essa expressão pode adquirir formas diversas: o gesto, o desenho, o conto, a mímica, a linguagem, os símbolos, o desempenho de papéis, etc. Expressar-se através do desempenho de papéis, no interior de situações dramáticas, é reunir, num só acto, toda a complexidade do nosso mundo interior e projectá-lo no não menos complexo universo exterior. Na Expressão Dramática todas as linguagens são integradas, todas as outras expressões nela se incluem e ganham novas significações.*<sup>13</sup> (Lopes, 2011, p.143)

Para o Primeiro Período (de 16 de Setembro a 17 de Dezembro de 2013) preparei uma abordagem aos princípios básicos da Expressão Dramática, pois apesar de serem alunos do 2º ciclo do ensino básico, ainda não tinham tido qualquer contacto anterior com esta área das expressões.

Os pontos-chave foram o Jogo Lúdico, o Corpo, o Espaço, a Voz, a Personagem, o Objeto e o Texto:

**Jogo Lúdico** – Interiorização de regras; aquisição de uma dinâmica de grupo e efetivação da relação entre professor e aluno; estimular um bom relacionamento e comunicação com os outros; exploração lúdica através de jogos e exercícios perceptivos, criativos e expressivos; constituição de uma zona distinta de partilha de ideias e sentimentos;

**Corpo** – Apurar a diferenciação entre imobilidade e movimento; introduzir a noção de imobilidade como possibilidade de movimento; promover o relacionamento entre estímulo e resposta corporal; exercícios de ocupação do espaço mediante figuras geométricas reconhecíveis; exploração da plasticidade corporal coletiva e individual; abordagem à recriação de musicalidade e sonoridades inerentes ao movimento; exploração de jogos de coordenação motora, rítmica e síncrona; exercícios de contacto visual e imitação; aperfeiçoamento do domínio da lateralidade; desenvolver o reconhecimento do próprio corpo; abranger a descoberta do corpo do outro; promover

---

<sup>13</sup> Citação de Aguilar, autor de *Expressão e Educação Dramática: Guia Pedagógico Para o 1º ciclo do Ensino Básico* (Lisboa, 2001)

exercícios lúdicos de contacto; trabalhar a noção de limite espacial individual; decompor e articular o movimento; estimular as potencialidades do movimento sem significação (movimento pelo movimento) e movimento expressivo (movimento com significado); abordagem às variantes do movimento: grau de verticalidade, direção, cadência; induzir a exploração de linhas de variação como afirmação de um discurso corporal pessoal;

**Espaço** – Jogos de organização do grupo no espaço; construção e desconstrução de configurações/figuras (geométricas; letras; números ou desenhos) pré-definidas e reconhecíveis; distinção entre espaço real e espaço teatral; jogar com as potencialidades do espaço cénico; abordar o conceito de espaço vazio de Peter Brook; introdução à gestualidade utilizando ações conotadas com determinados espaços; assimilação de técnicas simplificadas de mímica e posicionamento no espaço cénico.

**Voz** – Introdução de sonoridades vocais consoantes com o movimento; abordagem à plasticidade sonora das cinco vogais; exercícios lúdicos de respiração através das consoantes; jogos de movimento e voz com palavras inventadas de uma, duas ou três sílabas; jogos de ocupação do silêncio; descoberta do funcionamento do aparelho vocal; interiorização do conceito e respetiva experimentação do timbre vocal: grave, médio e agudo; ampliar o espectro de sonoridades vocais; exploração de jogos lúdicos de movimento com pequenas frases; a noção de articulação e projeção na oralidade; desenvolver a capacidade de construir diálogos abstratos e concretos; compor pequenas partituras sonoras, através de desenhos, passíveis de serem reproduzidas; abordagem ao conceito de “onomatopeia” e respetiva exploração das suas potencialidades teatrais; constituição de pequenas histórias onomatopaicas sem o uso da palavra; introdução a exercícios de dicção simplificados: sílaba a sílaba; tónicas e átonas, sussurrar acelerado e travão de língua.

**Personagem** - Abordar o conceito de personagem; explorar etapas da pessoa real ao personagem teatral; criar, compor e sustentar a corporalidade e oralidade de um personagem; interpretar um personagem em situação imaginária; responder de forma criativa e coerente em situação de entrevista pelo personagem; abordagem ao grau de teatralidade em situação através da representação; jogo relacional entre personagens

antagônicas (entusiasta, apático; delicado, indelicado; orgulhoso, modesto.); abordagem à noção de drama através do conceito de dança de oposições de Eugénio Barba.

**Objeto** – Exploração polissémica do objeto; estimular a imaginação e criatividade em situação de improvisação através de objetos inusuais; construção de pequenas narrativas adaptáveis ao teatro através da exploração do campo semântico do objeto.

**Texto** – Estimular o imaginário com histórias originais, vivenciadas ou partilhadas; promover exercícios de escrita criativa; saber identificar o espaço, o tempo, as personagens e as respetivas ações de cada história; aprender a estabelecer uma relação dramaturgicamente consistente entre a narrativa e peça de teatro; entender o drama como um jogo de oposições (a sinceridade e a mentira, a riqueza e a pobreza, a bondade e a crueldade); estruturar uma história com introdução, desenvolvimento e conclusão. Escrita e apresentação de Diálogos e Monólogos.

Durante este primeiro período, as aulas do Clube de Drama decorreram em salas de aula comuns, nas quais era necessário afastar mesas e cadeiras de modo a termos as condições mínimas adequadas às práticas da Expressão Dramática. Se nas primeiras aulas parecia um obstáculo (em particular nas aulas de apenas 45 minutos), rapidamente se transformou num mecanismo de trabalho coletivo que fazíamos já em dinâmica de aula.

Os jovens aderiam com muita disponibilidade aos diversos exercícios propostos. Cada aula começava sempre com um aquecimento com todo o grupo disposto em círculo. Os alunos foram encarando este momento como uma espécie de ritual e eram muito rigorosos na sua execução.

O facto de os grupos serem pequenos potenciou um trabalho mais acompanhado e rigoroso. Como em todas as turmas, cada um destes três grupos tinha alunos muito participativos, desinibidos e pró-ativos e outros mais inibidos e com pouco à vontade na expressão corporal e oral, outros ainda indisciplinados e que por vezes ofereciam alguma resistência a determinados exercícios.

Do grupo B fazia parte um aluno muito indisciplinado (a ser acompanhado psiquiatricamente fora da escola) que não raras vezes criava grandes dificuldades ao desenrolar da aula. Tinha uma grande dificuldade de concentração e acabava várias

vezes por ter comportamentos agressivos (física e verbalmente) para com os colegas. Infelizmente, já no final do segundo período, após queixas de alunos e professores, este aluno foi impedido de frequentar os clubes e fui aliás tomando conhecimento de sucessivas suspensões da escola. Guardo e reflito sobre o fato de, nas aulas do Clube de Drama nas quais ele esteve presente e conseguiu participar de forma equilibrada, ter testemunhado grandes progressos na sua forma de estar, e na sua relação com os colegas. Destaco uma aula em que o desafiei a fazer uma improvisação sozinho dando-lhe total liberdade na escolha do tema e no formato. Inicialmente muito excitado com a proposta parecia não conseguir estar naquele lugar, em frente aos colegas que conhecendo o seu lado desequilibrado, esperavam uma oportunidade para rir das suas tropelias. Mas de repente, ele foi buscar uma mesa e uma cadeira, e começou a simular uma aula, assumindo ele o papel de professor. O mais extraordinário foi que se fez silêncio na “plateia”, e não foi por acaso, parecíamos estar perante um momento de reconhecimento puro que aquele jovem estava a experienciar colocando-se no lugar de outro, e não era um outro qualquer. Ele foi recriando situações de repreensão entre aluno e professor, e assumiu naturalmente uma corporalidade diferente, mais rígida, mas fê-lo de uma forma muito controlada e rigorosa. Percebi que aquele momento estava a ser muito importante para ele. Não se estava apenas a divertir por representar um papel autoritário, mas estava claramente, à nossa frente, a recriar momentos que terão sido marcantes e difíceis para si. E estava ao mesmo tempo, a tomar consciência do outro lado de si que não conhecia e que lhe permitiu perceber melhor o lado do outro.

O grupo G era um grupo instável, devido sobretudo a uma assiduidade muito irregular. Neste grupo havia cerca de quatro alunos que assumiam uma espécie de liderança saudável e que contaminavam positivamente todos os outros, trazendo para cada aula questões, propostas e partilhas.

O grupo E foi desde o início o grupo mais pequeno mas mais regular. Estavam quase sempre todos presentes o que permitiu um trabalho de continuidade mais eficaz. Este era aliás o grupo com mais tempo de aula, pois tinha duas vezes noventa minutos, o que fazia uma grande diferença.

Dentro dos objetivos específicos para este primeiro período de introdução à Expressão Dramática, destaco a importância dos jogos lúdicos que para além de permitirem uma rápida construção de espírito de grupo, foram transmitindo noções de ritmo e de espaço. No trabalho da expressão corporal, os jovens reagiam muito bem quando propunha exercícios de relaxamento. Muitas vezes exaustos, depois de um dia

inteiro de aulas, um início de aula de Drama com exercícios de respiração e relaxamento era o suficiente para os revitalizar de forma a conseguirem participar ativamente na aula. Propus também muito trabalho de expressão corporal livre, com o apoio de música que funcionava como um catalisador para a desinibição e conseqüente abertura para a criatividade.

Já no final do primeiro período fizemos um trabalho de construção de personagem a partir de uma ficha de personagem criada por cada um. Durante algumas aulas trabalhamos a corporalidade e a oralidade do personagem de cada um e fizemos improvisações em que duas ou três podiam contracenar. Para finalizar este processo da Personagem, cada um trouxe uma proposta de figurino e saíram da sala de aula para o pátio da escola, interpretando a sua personagem durante 45 minutos, cruzando-se com outros alunos, funcionários e professores. Todos os alunos adoraram esta experiência. O que lhes pedi essencialmente foi que procurassem ver, ouvir e sentir tudo o que os rodeava imaginando que eram realmente essa outra pessoa.

Progressivamente cada grupo foi, ao seu ritmo, demonstrando uma maior capacidade de concentração, uma mais apurada consciência do espaço e do domínio do seu corpo, um maior cuidado na articulação das palavras, mas acima de tudo cada jovem foi aos poucos ganhando uma maior confiança e à vontade para se expressar perante os outros. Os alunos que ao início das aulas usavam muitas vezes a expressão “eu não sei fazer” ganharam uma maior confiança em si mesmos, percebendo que o Clube de Drama não era lugar para fazer Certo ou Errado, e que por isso o mais importante era estarem disponíveis e que oferecendo-se generosamente em cada exercício, estavam a despertar o lado expressivo e criativo existente em cada um.

Na última aula do primeiro período as condições estavam criadas para avançar para um projeto em que os jovens teriam oportunidade de continuar a desenvolver competências e começar a pôr em prática as adquiridas até ao momento.

### 2.2.2 – Projeto *As Nossas Emoções*

Na primeira aula do segundo período apresentei aos alunos a minha proposta de projeto para os três meses seguintes: trabalhar sobre as Emoções.

Numa primeira etapa comecei por diagnosticar qual o conhecimento que tinham acerca desta temática. Acabou por ser uma primeira aula em que só conversámos. Cada um ia dizendo o nome de uma emoção que se lembrava, falávamos um pouco sobre essa emoção e nalguns casos foi necessário clarificar alguns conceitos, nomeadamente em relação ao nome de algumas emoções que alguns nunca tinham ouvido falar.

O mais interessante foi ver como cada um deles reconhecia cada emoção em situações da sua vida, dando exemplos, mesmo nos casos em que não sabiam como nomeá-las.

As emoções mais mencionadas pelos jovens foram a Tristeza, a Alegria, a Raiva, a Paixão, a Vergonha e o Medo. Algumas das emoções que os jovens não conheciam pelo nome, mas que reconheceram o seu significado foram o Espanto, a Frustração, o Aborrecimento, a Histeria, a Compaixão e a Inveja.

Nas aulas seguintes procurei fazer exercícios que indiretamente permitiram aos jovens reconhecer diversas emoções através do seu próprio corpo, através da observação do outro e através da improvisação de situações.

Um dos exercícios que se veio a demonstrar mais revelador e construtivo para este processo foi o exercício do Escultor e da Escultura. Numa primeira fase pedi simplesmente que dois a dois, um moldasse o outro como se de um pedaço de barro se tratasse. Com a indicação de serem delicados com o seu “material”, cada escultor criou uma escultura que de forma passiva simplesmente se deixava moldar. Após as esculturas estarem concluídas, deveriam permanecer imóveis e todos os escultores iam observar todas as esculturas feitas pelos colegas como se estivessem numa verdadeira exposição. Pedi-lhes que em silêncio procurassem observar de fato com atenção cada escultura e imaginar que personagem, ou que situação, poderia estar por detrás daquela escultura e se tivessem que dar um nome àquela “obra” qual seria? Na última fase do exercício, pedi às esculturas que após um sinal sonoro exterior, ganhassem vida, procurando interpretar ativamente aquilo no qual tinham sido transformados, tendo em conta a posição e expressão em si moldadas pelo respetivo escultor.

Nesta primeira execução do exercício não dei nenhuma indicação temática aos escultores. Os jovens esculpidos tiveram oportunidade de perceber o que a

transformação do seu corpo, alterava dentro de si e os fazia sentirem-se outro, ou sentirem-se num outro estado emocional, imaginarem-se num outro local, numa outra situação. Enquanto observadores, os escultores ficavam indignados quando a sua escultura ao ganhar vida não correspondia ao que tinham imaginado, e pelo contrário, manifestavam-se muito satisfeitos quando viam que a ação do colega ia de encontro ao que procuraram esculpir.

Numa outra aula voltei a propor o mesmo exercício mas desta vez pedi aos escultores que pensassem numa Emoção específica e tentassem dar-lhe forma através do corpo do colega (escultura). Foi muito curioso ver a forma como cada um procurava moldar a Alegria, a Tristeza, o Medo... que posições do corpo, que expressão do rosto, cada um escolhia para a sua escultura representar uma determinada emoção.

Propus também exercícios de ritmo (através de percussão) para que cada um tentasse pensar num ritmo musical que refletisse uma determinada emoção.

Houve aulas em que trabalhamos as manifestações das emoções nas diferentes partes do corpo: Alegria só com os olhos, ou só com as mãos; Medo com os pés; Paixão com a boca; Frustração só com os braços; Timidez com as pernas...

Em diversos momentos experimentei propor alguns dos exercícios praticados nas formações da Academia Internacional de Teatro para Jovens.

Logo no início das aulas, em Setembro, pedi à organização dos clubes um projetor de luz para usar nas aulas de Drama. Apesar de prometido, nunca chegou. Tinha sido evidente para mim a importância do uso da luz na maioria dos exercícios propostos na Academia, por isso investiguei o que havia na própria escola e foi com ajuda de uma auxiliar que me abriu a porta de uma sala de arrumos, que encontrei um retroprojetor no qual já ninguém mexia há muito tempo. Pedi autorização à direção da escola que após alguma resistência permitiu que aquele aparelho fosse usado nas minhas aulas desde que todas as vezes retornasse à dita sala. Assim foi. Não era o ideal, mas permitiu criar um recorte de luz, recriando um espaço cénico e um ambiente mais propício ao trabalho que pretendia desenvolver.

Os alunos reagiram muito bem aos exercícios propostos. Tal como já havia testemunhado na Academia, os jovens mostravam especial prazer em fazer exercícios individuais, mesmo os mais tímidos, parecendo constituir para eles uma espécie de grande oportunidade para ser olhado. Parece-me que ter o espaço cénico todo por sua conta, a luz a incidir sobre si, todos os colegas e depositarem toda a sua atenção em si, dá-lhes por instantes a sensação de serem protagonistas, mais do que isso, fá-los sentir-

se importantes, o que provavelmente acontece poucas vezes na sua vida nesta fase de pré-adolescência e por isso pode ter uma dimensão maior do que nunca.

Durante todo o processo fui refletindo sobre as evidentes diferenças entre o formato que a Academia oferece aos jovens (com três semanas intensas de convivência vinte e quatro horas por dia e cinco a seis horas de trabalho de expressão todos os dias) e os moldes do Clube de Drama. Por mais que eu propusesse os mesmos exercícios, as condições eram todas muito diferentes. Os jovens chegavam muitas vezes às aulas com conflitos que nada tinham a ver com o contexto do Clube. Chegavam cansados das aulas anteriores, ansiosos pelo teste do dia seguinte, absorvidos pelo vídeo partilhado no facebook... A disponibilidade era inevitavelmente muito diferente.

No entanto, a verdade é que, apesar de todas as condicionantes, quando o grupo atingia um bom grau de concentração, eu consegui testemunhar momentos belos de entrega, de descoberta, de encontro, consigo, com o outro. E tive várias vezes a certeza que estava a ser um processo muito importante para todos aqueles jovens. Mesmo quando observavam os colegas a fazer um exercício, reconheceram-se muitas vezes através do outro. Muitas vezes vinham ter comigo no final da aula tentando verbalizar o que tinham descoberto.

O objetivo não era, nunca foi, terapêutico, mas senti que houve dias em que a aula ajudou a resolver conflitos interiores de um ou outro aluno. A maior parte das vezes eles não o chegavam a verbalizar mas era visivelmente diferente a forma como entravam e a forma como saiam, orgulhosos de si, das suas capacidades, confiantes, mais serenos.

Procurei através de improvisações de expressão de emoções, levar cada jovem a desconstruir as máscaras que com apenas dez, onze ou doze anos já usam para se defenderem do mundo que os assusta. É uma fase em que estão constantemente à procura do outro (tentando definir o melhor amigo, o grupo de amigos) e tentam ao mesmo tempo provar que não precisam do outro, pensando ser a forma de gritar por independência e maturidade. Estão à procura da sua identidade que naturalmente se vai construindo em função de tudo o que os rodeia.

### 2.2.3 – O Dia das Artes

Numa reunião entre os professores dos clubes da área artística, decidimos promover um evento que proporcionasse aos jovens uma experiência com público e que ao mesmo tempo desse a conhecer o trabalho a ser desenvolvido neste projeto. Este evento ao qual chamámos o Dia das Artes ficou agendado para o dia 5 de Abril de 2014 e pretendia reunir no mesmo espaço toda a comunidade escolar e não escolar da zona envolvente de Belém, Ajuda e Restelo. Neste dia participariam não só os jovens do 2º ciclo (dos clubes) mas também as dezenas de turmas de primeiro ciclo que frequentavam aulas de enriquecimento curricular na área artística (Música, Plástica e Drama).

Para os alunos do 1º ciclo foi definido um tema comum (os heróis da Disney!), mas para os grupos dos Clubes o tema foi deixado ao critério de cada professor no contexto do processo de cada turma. Por se tratarem de muitos grupos, ficou decidido que cada professor escolheria apenas um grupo para apresentar o trabalho do seu Clube, de forma que todas as turmas fizessem uma apresentação, mesmo que não fazendo apresentações de todos os clubes que frequentavam. Cada apresentação não deveria exceder os vinte minutos de duração.

Por ser o grupo mais estável, apesar de normalmente com apenas seis elementos, escolhi o Grupo E para preparar a apresentação para o Dia das Artes. Num primeiro momento fiz questão de lhes perguntar se gostariam de fazer uma apresentação pública e como esperava eles aderiram com entusiasmo. Foi consensual que o que fossemos criar teria que refletir o que estávamos a trabalhar desde Setembro no Clube, e que o tema teria a ver com o projeto iniciado em Janeiro, sobre as Emoções.

Num momento introdutório de uma aula, falei-lhes um pouco sobre os conceitos que dizem respeito à criação de um espetáculo, e de forma mais incisiva no conceito de Dramaturgia, que os jovens nunca tinham ouvido falar. Sublinhei que tudo iria ser criado em conjunto e que a partir daquele momento seria ainda mais importante o assumir de um compromisso em relação a todo o grupo e ao trabalho partilhado.

Durante duas aulas fizemos um levantamento de emoções que os alunos gostariam de trabalhar e experimentámos improvisações de situações que os jovens propunham como forma de transmitir uma determinada emoção.

Finalmente fizemos uma seleção de três emoções que constituiriam os três momentos centrais da apresentação: Paixão, Medo e Alegria.

Foi através de improvisações, de propostas que os alunos traziam e de propostas que eu levava para a aula que fomos criando progressivamente a apresentação à qual chamamos *As Nossas Emoções*.

Fomos definindo ambientes para cada momento e pensando em soluções para os transmitir em cena. Propus que apresentassem sugestões de imagens para projetarmos no fundo do palco e fui levando propostas de músicas que íamos testando nas diferentes cenas.

Com as improvisações foram surgindo ligações entre os diferentes momentos que permitiam incluir mais emoções. Naturalmente, como em todos os processos de criação, houve muitas boas propostas que tiveram que ir sendo postas de parte.

Perguntei aos jovens o que queriam dizer com aquela apresentação. Expliquei-lhes que fazer teatro, representar algo, apresentar um produto artístico a alguém, é também uma forma de comunicar. E que é, aliás, uma excelente oportunidade de comunicar, muitas vezes de dizer e transmitir coisas que de outra forma não sabemos como ou não somos capazes. E a apresentação foi crescendo, a partir de cada um deles.

Fomos criando cenas em que eles mostravam e/ou diziam coisas que diziam respeito a cada um mas de forma transversal a todo o grupo, no fundo, a todos os jovens daquela idade. Combinamos um código simples de vestuário: todos tinham um par de ténis *All Star* clássicos; calças de ganga; t-shirt lisa de cores não demasiado fortes.

O Dia das Artes chegou. A partir das catorze horas daquele Sábado, familiares, vizinhos, professores, foram chegando ao Auditório Teresa Saldanha (cedido pelo Externato de São José) para assistir às vinte e uma apresentações de Música e Drama e à exposição dos trabalhos de Plástica.

*As Nossas Emoções* foi a apresentação que encerrou o Dia das Artes, incluindo o último bloco de apresentações com início às vinte horas.

Os alunos do Grupo E chegaram bastante cedo, à exceção de um aluno que após contactado telefonicamente disse não poder afinal comparecer. Foi um momento crítico pois tinha comigo cinco jovens que começaram a pôr em causa a possibilidade de apresentarem o que tinham estado a preparar durante tanto tempo e com tanto entusiasmo. Era indispensável transmitir-lhes calma e encontrar uma solução. Enquanto outras apresentações decorriam, juntámo-nos num espaço exterior ao auditório e ensaiamos a apresentação fazendo de forma muito concreta as adaptações necessárias para a realização da mesma apenas com cinco elementos. Não teria sido possível se aqueles cinco jovens não estivessem envolvidos verdadeiramente naquele projeto.

Entre toques de campanha de escola, corredores de cacifos, uma plateia de cinema, um deslumbrante pôr-do-sol, sorrisos, gritos, olhares cúmplices, frases desconcertantes, abraços, o Grupo E fez a sua apresentação com rigor e prazer. Disseram minutos antes: “Divirtam-se, aproveitem, boa viagem”. E o brilho no olhar de cada um deles no final da apresentação mostrou-me a pertinência, a importância daquele trabalho. Estavam felizes por terem levado até ao fim um projeto deles, feito a partir deles. Estavam felizes porque mostraram ser capazes, a pessoas que tantas vezes parecem não acreditar neles, parecem não se lembrar de acreditar neles, parecem não conhecê-los, parecem não dialogar, parecem andar esquecidos.

Tudo o que puseram em cima daquele palco, através dos seus corpos, através das suas vozes, das suas emoções, parecia ser um grito de alerta, para dizer “estamos aqui!”, “não se esqueçam de nós, mesmo quando parecemos esquecermo-nos de vocês”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A abertura sem limites que é própria do diálogo como factor evolutivo da pessoa e como factor criativo de uma nova sociedade, traz consigo uma necessidade importantíssima: só há verdadeiro diálogo quando tenho consciência de mim.*  
(Giussani, 2006, p.121)

Este projeto foi uma grande aprendizagem para mim. Sempre que me coloco diante de jovens a quem me proponho ensinar algo, acabo por aprender ainda mais. Foi a entrega e generosidade com que os alunos do Clube de Drama embarcaram comigo nesta viagem que permitiu a concretização deste relatório, no qual procurei refletir, acima de tudo, sobre esta ponte, ou sobre as várias pontes, que como artista-pedagoga posso ajudar a construir: entre a Emoção e a Expressão; entre o Diálogo e a Criação; entre a Vida e a Arte.

Quando me propus realizar este projeto pretendi acima de tudo partilhar com os alunos do Clube de Drama da Escola Paula Vicente a experiência da Academia que se demonstrou tão frutuosa para jovens desta faixa etária. Tanto no Estágio que tive oportunidade de observar na Bélgica, como no Estágio realizado em Portugal, pude comprovar os resultados positivos do processo de trabalho da Academia, visto terem sido tão similares nas duas experiências mesmo tratando-se de realidades sociais e culturais tão distintas. Tanto num caso como no outro, comprovei que as práticas pedagógicas da Academia são eficazes e cumprem os seus objetivos no desenvolvimento dos jovens pré-adolescentes.

Mas desde logo as condições eram bem diferentes: em vez de três semanas intensas, com os jovens focados apenas no trabalho de Expressão Teatral e na convivência vinte e quatro horas por dia, tive com os jovens dos Clubes, um ano letivo pela frente, com apenas duas sessões semanais e muitas interferências inevitáveis provenientes de toda a vida escolar e pessoal/familiar de cada um.

Por tudo isto, consciente das grandes diferenças estruturais, decidi encará-las como um caminho alternativo e não como um obstáculo. Foquei-me portanto em experimentar algumas das técnicas da Academia nas aulas dos Clubes, sobretudo sobre

a temática das Emoções. E com isto oferecer a estes jovens pré-adolescentes um espaço de partilha, expressão e criação que considero fundamental para o seu desenvolvimento.

As expressões artísticas livres e a experimentação artística na infância e juventude podem considerar-se pilares de um crescimento saudável de reconhecimento do mundo e do próprio ser.

As dimensões corporal, emocional e espiritual são dimensões de um ser uno e integrado e não partes que podem ser destacadas. Falar do corporal, no ser humano, é, simultânea e univocamente, falar do emocional e do espiritual; assim como, quando falamos do emocional, falamos, ao mesmo tempo, do corporal e do espiritual.

A educação é um lugar muito especial, através da qual nós nos auto-organizamos, dentro das nossas interações com as múltiplas dimensões da vida, tendo em vista manifestar o nosso Ser. Afinal, educação significa conduzir de dentro para fora e, por isso, manifestar o nosso Ser.

*O Self é a definição que as pessoas constroem (através da interação com os outros) sobre quem são. Ao construir ou definir o Self, as pessoas tentam ver-se como os outros as veem, interpretando os gestos e as acções que lhe são dirigidas e colocam-se no papel da outra pessoa. Deste modo o self também é uma construção social, o resultado do facto das pessoas se perceberem e desenvolverem uma definição através do processo de interação. Este nexos permite que as pessoas se modifiquem e cresçam, à medida que vão aprendendo mais sobre elas próprias através deste processo interactivo.*

(Lopes, 2011, p.156)<sup>14</sup>

A atividade lúdica é aquela que dá plenitude e, por isso, prazer ao ser humano, seja como exercício, seja como jogo simbólico, seja como jogo de regras. Os jogos apresentam múltiplas possibilidades de interação consigo mesmo e com os outros.

As crianças, então, jogam os seus jogos tantas vezes quantas forem necessárias para resolver os seus problemas internos, manifestem-se eles, de facto, como problemas já existentes ou como problemas que possam vir a existir. A repetição torna-se necessária para o esgotamento da possibilidade da situação (seja na perspetiva de solucionar um problema do passado ou seja na perspetiva de construir uma solução para

---

<sup>14</sup> Citação de Bogdan e Biklen, autores de *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (Porto, 1994)

o presente ou para o futuro) até que tenha a consciência de que essa determinada situação é assim e que já não constitui uma ameaça.

Na Expressão Dramática, as situações são imaginadas e apresentadas através de personagens que podem representar as preocupações das pessoas que as encarnam. Essa experiência, paralela a uma reflexão sobre a mesma, constitui uma vivência distanciada sobre questões que, apesar de próximas da pessoa, são questões/problemas da personagem e, por isso, de discussão descomprometida.

A Expressão Dramática não é um mero treino artístico com o objetivo de criação ou formação de atores de palco, mas sim, através do trabalho em grupo, do jogo espontâneo, da representação de situações quotidianas e do trabalho do Eu interior (emocional) e exterior (físico e expressivo), formação e orientação de atores sociais, conscientes do seu papel num grupo e na comunidade.

É cada vez mais notória, na nossa cultura, uma necessidade premente de comunicação e de relação, e é nestes momentos de transição, de crise(s), que o teatro surge para responder a um desejo intenso de representação do “eu” de cada um.

Numa fase em que o abandono e o sentimento de perda dominam as consciências, o processo de jogos teatrais pode ser um espaço privilegiado para a experimentação e encontro com a identificação e definição do indivíduo através da relação e comunicação com o outro. Através do jogo, prepara-se uma atitude estética perante a vida. O teatro proporciona assim um espaço e um tempo de relação em que os indivíduos se podem questionar, identificar, confrontar e espelhar.

O encontro com o público constitui a experiência teatral. Ele mobiliza os jovens, e dá à aprendizagem a dimensão de um trabalho verdadeiramente grandioso, ele convida-os a superarem-se, ele responsabiliza-os. A verdade, a intimidade que o jovem vive consigo mesmo, primeiro na confidencialidade do atelier, diante dos formadores e dos outros jovens, vive-a depois diante do público durante o espetáculo. O espanto dos espectadores torna mais autêntica a sua entrega e “reflete-lhe” a sua beleza.

É a formação do Eu que se procura através da concretização teatral – quando os jovens pensam estar a aprender a arte do ator, aprendem a arte de viver.

O palco não é um parêntesis poético na vida, ele exprime a vida, e a vida torna-se poética no contacto com o palco.

# BIBLIOGRAFIA

## Bibliografia Citada

BARBA, Eugénio, *Tratado de Antropologia Teatral*, São Paulo, Hucitec, 1994

BOAL, Augusto, *Teatro do Oprimido - e outras poéticas políticas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977

GIUSSANI, Luigi, *Educar é um risco*, Lisboa, Diel, 2006

KECHIKIAN, Anita, *Os Filósofos e a Educação*, Lisboa, Colibri, 1993

LOPES, M<sup>a</sup> de São Pedro, *O saber Dramático: A construção e a reflexão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011

LUCKESI, Cipriano Carlos (org), *LudoPedagogia; Ensaios 1: Educação e Ludicidade*, Salvador, Gepel, 2000

PÉRSICO, Lucrecia, *Guia da Inteligência Emocional*, Lisboa, Bertrand Editora, 2011

SÁ, Filipe, *Psicoterapia analítica de grupo com crianças no período de latência*, Lisboa, Climepsi Editores, 2003

SANTOS, Arquimedes da Silva Santos, *Estudos de Psicopedagogia e Arte*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999

SANTOS, João dos, *É através da via emocional que a criança apreende o mundo exterior*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2009

TOULET, Elisabeth, *La beauté à la rencontre de l'éducation. Pédagogie de l'Académie Internationale de Théâtre pour Enfants*, Paris, 2012

## Bibliografia Consultada

- BEUYS, Joseph, *Cada Homem um Artista*, Sete Nós, 2011
- COSTA, Isabel Alves, *O Desejo de Teatro - O Instinto do Jogo Teatral como dado Antropológico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003
- FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso, *Cartografias do ensino do Teatro*, Uberlândia, EDUFU, 2009
- FREIRE, Paulo, *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 1996
- READ, H., *A Educação pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 1982
- REIS, Luciano, *Expressão Corporal e Dramática*, Lisboa, Sete caminhos, 2005
- RODARI, Gianni, *Gramática da Fantasia*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006
- SILVEIRA, Fabiane Tejada da, FERREIRA, Taís, LEITE, Vanessa Caldeira (organizadoras), *Conversações sobre Teatro e Educação*, Porto Alegre, Observatório Gráfico, 2013
- SOUSA, A. B., *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Coleção Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Edição Instituto Piaget, 2003
- STERN, Arno, *Uma nova compreensão da arte infantil*, Lisboa, Livros Horizonte, 1969
- STRECHT, Pedro, *Crianças sem Sombra. Arte, Vida e Conflito Emocional*, Lisboa, Edições 70, 2013
- VASQUES, Eugénia, *João Mota, o Pedagogo Teatral - Metodologia e Criação*, Lisboa, Edições Colibri, 2006
- VIEITES, Manuel F. (e outros),  *Animação Teatral. Teoria e Prática*, Porto, Campo das Letras, 2000